

Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo

Maura Pardini Bicudo Vêras

Apresentação

O presente trabalho procura mostrar resultados preliminares da pesquisa, ainda em desenvolvimento, sobre o tema *Territorialidade e segregação em São Paulo: movimentos migratórios de massa e marcas significativas no espaço urbano*.¹

Busca-se caracterizar a presença estrangeira que ajudou a construir a cidade, em especial no último século, a configuração de territórios dos grupos mais expressivos, contribuindo para a compreensão da dinâmica urbana em seus componentes socioculturais. Os resultados obtidos ainda apontam um panorama inicial descritivo, embora com a proposição de uma problemática ampla, complexa, apenas delineada mediante compilação das principais referências sobre o assunto.

Treinando o olhar do pesquisador para entender a questão da alteridade na metrópole, pretende-se dar dimensões reais à compreensão da vivência na cidade, com suas oposições, conflitos e formas de sociabilidade: a vida, o vivido, o viver.

O observador deve procurar reunir pedaços, reconstruir espaços fragmentados para delinear uma linha interpretativa que sintetize a totalidade e que supere o olhar do cotidiano, "...desprovido da riqueza crítica de olhar abrangente e livre" (Martins, s/d).

É preciso, pois, treinar o olhar para perceber aspectos que nos passam despercebidos em meio à vida cotidiana, quando nunca temos tempo para observar, porque a vida propriamente dita tem que prosseguir na seqüência dos desempenhos, não podendo ser interrompida, em um tempo linear e sem descontinuidades. "Só vê o que aconteceu

quem tem tempo” (idem). Assim há o esforço de reconstruir algum sentido naquilo que não parece ter sentido, recuperando os conflitos do olhar na vida cotidiana e “,,, disten-s es, fingimentos e contradi es da cotidianidade” (idem).

O estrangeiro   apreendido de duas formas: a nacionalidade dos que entram em São Paulo (e assim os apanham os censos demográficos) e como presença econ mica, social e cultural (recuperada pela bibliografia e por entrevistas).   preciso distinguir também os estrangeiros dos que são chamados de imigrantes, atrelados a fluxos específicos bancados pelos governos de origem ou de ado o.

No contexto da globaliza o da economia e do impacto das tecnologias, em espe-cial das telecomunica es e da informática, a cidade de São Paulo tem sido considerada como uma das cidades mundiais e vem apresentando processos comuns a essas mega-l poles que são encaradas, hoje, como novos verdadeiros pontos cardeais do mapa. Ne-las os processos de dualiza o e fragmenta o caminham juntos com homogeneiza o e heterogeneiza o social.

A cidade pode ser um caleidoscópio de padrões e valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, modo de vestir e alimentar, etnias e raças, proble-mas e dilemas, ideologias e utopias. Algumas sintetizam o mundo, diferentes características da sociedade global, tornando-se principalmente cosm poles, mais que cidades nacionais. (Ianni, 1994, p. 28)

A questão urbana torna-se sempre mais complexa, envolvendo aspectos econ micos, sociais, políticos, étnicos, culturais. Na nova divisão internacional do trabalho e dos deslocamentos do capital, os espaços urbanos cont m as novas fun es da com-petitividade e da conectividade, verdadeiros “tecnopolis” e “telepolis”. Quer para aqueles estudiosos que enfatizam a produ o industrial, em moldes p s-fordistas e flexíveis, quer os que apontam o predomínio do capital financeiro e do terciário superior, as cidades mundiais preocupam-se com a velocidade da produ o de mercadorias, de idéias, das pessoas, da cultura e, sobretudo, da informa o (Preteceille, 1994, pp. 65-92).

Há quem afirme que a globaliza o da economia torna cada vez mais visível o terceiro-mundismo dos centros urbanos, revelando uma massa de excluídos; a polariza o de classes, g nero e raça, com crescente número de sem terra, sem habita o, carentes de serviços urbanos básicos (...). Mais que isso, com a rede catódica da TV, a eletr nica, a telemática, estamos todos on line... em franco processo de ocidentaliza o da cultura. Isso tudo não impede os movi-mentos contraditórios entre global e local no interior (e exterior) das grandes cidades. As tensões da grande cidade se manifestam entre elementos pro-vincianos e nacionais, locais e globais, refletindo a contradi o do mundo (...). (V ras, 1995, pp. 12-13).

Como nas demais cidades globais, muitos estudos têm enfatizado a dualiza o so-cial em São Paulo. Reúnem-se a face avançada do terciário superior e sofisticado, parque tecnológico e institui es de pesquisas avançadas, centros acad micos de excelência,

sedes de multinacionais e bancos internacionais, sistema de telecomunicações e a face de metrópole do Terceiro Mundo, expressando-se através de uma massa de desempregados, favelados, encortiçados e *homeless* – excluídos e miseráveis, itinerantes pelas ruas –, ambulantes, parcelas consideráveis com desigualdade de acesso à infraestrutura urbana, aos equipamentos sociais básicos de saúde, educação e cultura. Também é digno de registro o alto índice de mortes violentas, por homicídios, latrocínios, chacinas, podendo-se mapear a exclusão social e os riscos de violência. (Sposati, 1996; Cedec, 1996)

A esses mapas deveria ser acrescido o mapa das territorialidades, das (dês)territorializações e (re)territorializações de vastos contingentes de migrantes, antes estrangeiros e hoje principalmente nacionais, que para cá vieram trabalhar e deixaram marcas significativas no espaço urbano: arquitetura, estilos de vida, cultura, hábitos alimentares, espaços públicos, rios, praças, monumentos em diferentes redes de sociabilidade.

São Paulo tornou-se uma das cidades mais cosmopolitas do mundo: ítalo-franco-lusitano-nipo-germânico-saxã. Mas não nos enganemos, não é a Europa ou a América do Norte com alguns detalhes exóticos. Tomar São Paulo por um pedaço da Europa ou uma réplica de Nova York é nada compreender de Mário de Andrade ou Tarsila do Amaral. Por toda parte, a civilização mistura-se ao primitivismo indígena e àquilo que deixaram os herdeiros dos escravos africanos, cujos atabaques ressoam desde as oito horas da noite em milhares de terreiros (...) a redução de São Paulo à sua ocidentalização é uma ilusão. (Laplantine, 1993, p. 26)

A questão da territorialidade se acopla, pois, ao debate da alteridade e da multiculturalidade, chamando a atenção para a dimensão espacial da cidadania. Nossa cultura barroca, de fachada, não tem dado conta da igualdade de direito à maioria e no reconhecimento da alteridade para os excluídos do campo, da floresta e na cidade (Martins, 1993).

O acesso à terra e aos espaços urbanos, mediatizado pelos rendimentos da população e submetido ao valor fundiário, combina determinações econômicas às de etnicidade e gênero.

Embora não se relacione direta e univocamente à reorganização dos espaços paulistanos pela influência da globalização, pois que há a contextualização – as coordenadas socioeconômicas locais/nacionais são decisivas –, é inegável que atualmente, na busca das vantagens lucrativas oriundas da competitividade, empreendedores imobiliários (também ligados ao capital financeiro) têm investido na construção de edifícios de escritório e habitações luxuosas, restringindo a aplicação no mercado habitacional de baixa renda. Por seu lado, políticas oficiais de moradia popular são inexpressivas, assim como políticas urbanas têm privilegiado o sistema viário e a circulação por automóvel.

Resulta disso tudo um cenário de esvaziamento de certas regiões e crescimento de outras; projetos de renovação urbana expulsam moradores para mais longe. Bairros se descaracterizam, referências urbanas se destroem. As periferias se esvaziam e se (re)alimentam: há “sem-teto” e excluídos pela cidade toda. Assim, é mais complexa a situação

que a oposi o binária centro e periferia. Fala-se em diminui o perversa da segrega o, na medida em que a pauperiza o e a desigualdade de acesso ao ambiente construido provoca o surgimento de "cidadelas" – conjuntos habitacionais exclusivos e fortificados para rendas m dias e altas – e têm seu complemento na prolifera o dos *shoppings centers*, enquanto a pobreza se acomoda nos interstícios das porões centrais, agora desvalorizadas, nos cortiços, nas favelas, nas periferias, em um nomadismo sem op o, bem diferente do imaginado pelos entusiastas do *Infocism*, ou da cidade do ICE – Informa o, computa o, entretenimento (V ras, 1995).

Os deslocamentos se submetem ao *marketing* imobiliário, uma verdadeira autofagia urbana, em que se abandonam patrim nios edificados (valores de uso) sob o argumento de deteriora o do estoque imobiliário, da degrada o dos espaços públicos pela polui o, presença de camelôs, mendigos, assaltantes. Emblemático parece ser o caso da Avenida Paulista, outrora símbolo e vitrine da cidade e que hoje v  diminuir seu prestígio para as Avs. Luiz Carlos Berrini e nova Faria Lima.

Os ocupantes da cidade, seus usuários e habitantes, muitos migrantes, (d s)territorializados e (re)territorializados, perdem novamente suas novas raízes, cada vez mais expulsos pelos mesmos processos; por segrega o e *gentrification* que são mais numerosas na história social e urbana do que os capitulos voltados   garantia dos direitos   moradia e ao espaço urbano.

O projeto de pesquisa, ao abordar a questão da territorialidade e segrega o socioespacial na cidade de São Paulo, identificando os principais movimentos migratórios, procurou apontar marcas significativas nos padrões habitacionais, cultura e modos de vida, as categorias socioprofissionais mais freqüentes e uma certa localiza o dos grupos étnicos no espaço urbano.² Muitos estudos têm sido feitos sobre a imigra o estrangeira entre nós. Não   possível reproduzi-los aqui, mesmo que por compila o sumária. O enfoque principal deste estudo   a territorialidade, a luta pelo espaço, a convivência intensa ou não de nacionalidades, culturas, sujeitos, identidades e suas expressões.

A reconstru o da história social de São Paulo, de maneira geral, e a da historiografia das imigra es (estrangeira e nacional), em particular, constitui significativa contribui o para os estudos da configura o urbana, da localiza o de diferentes grupos, das atividades e  tnias no espaço, uma vez que a cidade recebeu vários contingentes populacionais em um processo que muitos caracterizaram apressadamente como o de um "cadinho de  tnias", *melting pot*.

Além disso, esse assunto   fundamental para a efetiva e plena participa o na gestão e frui o da cidade, visando condi es de pluralismo cultural e de reconhecimento da alteridade e multiculturalidade. Um urbanismo democrático não pode ignorar as reais condi es de vida dos habitantes, nem seus valores, identidade, memória e o direito a seu "local", laços de vizinhança, conterraneidade e sociabilidade.

Em geral, os estudos de planejamento urbano e regional têm priorizado aspectos ligados aos processos de urbanização, migração, instrumentos de controle e uso do solo, políticas sociais e urbanas, planos diretores, zoneamento, dinâmica urbano-regional. O presente projeto permitirá complementar tais esforços e oferecer subsídios no sentido de conhecer aspectos ligados à vivência do espaço urbano pelos usuários e habitantes de uma cidade mundial que contém territórios específicos. Cidadãos diferenciados compõem um território desigual, dividido, fraturado e que carregam componentes subjetivos de identidade, agressividade, memória emotiva, componentes essenciais para gestões urbanas com compromissos de favorecer justiça e igualdade no acesso à cidade.

Quadro de referências

Territorialidade

A questão do território tem recebido várias interpretações. Do ângulo político, o território é conceituado como área de jurisdição de um Estado. Mas se encarada a origem dessa concepção, tem-se que, de forma mais ampla, a territorialização diz respeito à ocupação de um determinado espaço por determinado grupo humano, constituído por algum critério social: etnia, nacionalidade, condição socioeconômica, nível cultural e outros. Nessa medida, é possível estabelecer relação intensa entre territorialidade e segregação socioespacial e, de modo abrangente, com a *cidadania*.

Embora o tema possa ser debatido à luz de muitas ciências e pontos de vista, pois do ângulo biológico fala-se de “territórios” de bandos de mamíferos e do alto teor de defesa e sobrevivência dos líderes do grupo naquele espaço, o assunto tem a ver com poder e força; no caso humano, emerge a questão política. Os conceitos de M. Weber sobre poder são oportunos aqui (1946). Entendendo o poder tipicamente como a probabilidade de alguém impor a própria vontade a outrem em uma relação social, acentua-se o atributo da força – da potência do mandante em impor sua própria vontade, independente de encontrar resistência. Do ponto de vista biológico, isso se aplica claramente ao caso citado de bandos animais. Também é importante registrar aqui as noções de “espaço vital”, “território alimentar” desenvolvidas por alguns autores e que serviram de argumento racista para a opressão nazista.

A propósito, a questão da raça e suas relações com cultura, amplamente discutida por Claude Lévi-Strauss (1962), alerta para que a ciência não seja utilizada como preconceito racista ao inverso; ao definir raça como um dado conjunto de propriedades puramente biológicas particulares, está se desconsiderando as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas; quando se diz da contribuição das raças humanas

  civiliza o, está se querendo dizer das culturas em circunstâncias geográficas, históricas e sociológicas e não pelos atributos anat micos. A grande diversidade de culturas, sociedades e civiliza es não   devida às diferenças biológicas, distinguindo-se mais pela ordem de grandeza: há mais culturas (contam-se por milhares) do que raças (contam-se por unidades), o que   instigante para o estudioso da diversidade cultural. O etnocentrismo, presente em muitas atitudes inconscientes, tende a se manifestar diante das culturas estranhas e afastadas, exprimindo-se, nas frases "hábitos selvagens", "na minha terra   diferente", certa repulsa diante da diversidade, da alteridade. Esse "outro estranho" já foi chamado de "bárbaro" pela civiliza o greco-romana. Lévi-Strauss exemplifica:

Nas grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investiga o para pesquisar se os indígenas tinham ou não uma alma, estes últimos dedicavam-se a imergir brancos prisioneiros, a fim de verificar, após uma vigilia prolongada, se seu cadáver estava sujeito ou não   putrefa o. (idem, p. 334)

No caso da territorialidade burguesa, a distribui o espacial da popula o obedece às leis do mercado imobiliário e   efeito de decisões de governo e políticas públicas, sendo as áreas residenciais sujeitas a discrimina o e segrega o socioecon mica, eventualmente únicas, demonstrando que rela es de força são associadas às rela es de poder de compra/loca o.

Trata-se de uma privatiza o do espaço produzido coletivamente por estratos sociais ou  tnias ou a uma dada interpenetra o delas: há uma combina o dos efeitos segregadores do mercado e de discrimina o étnico-cultural, formando, pois, uma territorialidade marcada pelo "apartheid social".

A desigualdade no território urbano também se expressa, além das condi es de moradia e nível de vida da sua popula o residente com conseqüentes perfis culturais e ocupacionais, na existência de áreas desprovidas de equipamentos, despojadas de serviços essenciais   vida individual e social, sem "cidadãos".

Na sociedade burguesa, a espacialidade se apresenta como parcial, truncada, pois, apesar de imensa (na medida em que se universaliza),   ao mesmo tempo especializada, reduzida às suas fun es. Nesse sentido,   espaço da aliena o, objetificado, reificado, A grande maioria dos cidadãos se "apropria" da cidade através de seus medos e seus afetos, fragmentando o espaço.

O espaço tem muito de parecido com o mercado. Ambos, através do trabalho de todos, contribuem para a constru o de uma contrafinalidade que a todos cont m funcionalmente e, malgrado eles, os define. Mercado e espaço, forças modeladoras da sociedade como um todo, são conjuntos de pontos que asseguram e enquadram diferencia es desigualizadoras, na medida em que são, ambos, criadores de raridade. E como "o mercado   cego para os fins intr secos das coisas", o espaço assim construído  . Iguamente, um espaço cego

para os fins intrínsecos dos homens. Daí a relação íntima e indissociável entre alienação moderna e o espaço. (Santos, 1987, p. 60)

Ao mesmo tempo, a cultura impregna todas as atividades urbanas e a territorialidade é cultural, é forma de comunicação dos residentes com o entorno, com seu grupo e nos dá a consciência da pertinência a um lugar. Por fim, os deslocamentos migratórios muitas vezes agredem o indivíduo, “roubando-lhe” a territorialidade, levando-o ao estranhamento simbólico. Assim, “desterritorialização e desculturização” são os processos sociais que se desencadeiam dialeticamente, pois o migrante, no novo ambiente, “perde” e “doa” nova cultura, novo quadro de vida.

Institui-se, pois, um sistema de recompensas diferenciais para localizações espaciais diversas. Isso se aplica aos que apresentam mobilidade socioespacial, aos que migram e aos que não migram. Por isso é inegável a relação entre renda, classe social, lugar, etnia e ocupação desigual do espaço urbano: “Os bairros operários, tanto por acordo inconsciente e tácito como por intenção consciente e confessada, estão rigorosamente separados das zonas da cidade reservadas à classe média” (Engels apud Lefèbvre, 1984, p. 119).

A cidade capitalista industrial acaba por dissimular a desigualdade, tentando isolar suas partes malditas, vergonhosas, afastando moradias populares para longe, evitando até caminhos em sua direção, ou maquilando-os. A competição pelo solo urbano é intensa entre os usos habitacional, industrial, comercial e de serviços, sendo que o mercado de preços alija as parcelas de menor renda de sua aquisição e/ou uso.

O valor fundiário em São Paulo cresceu desmesuradamente diante das possibilidades de consumo da maioria dos habitantes, e o valor de uso da terra se submeteu ao seu valor de troca. A cidade velha se desfigurou, construiu-se freneticamente, as políticas regulativas do solo urbano foram coniventes com os interesses da iniciativa privada e a pobreza veio a se alojar em soluções precárias como a periferia desequipada e as casas autoconstruídas, as favelas, os cortiços. Assim, o quadro habitacional é segregatório, hierarquizado pela renda de seus moradores.

Alteridade, memória, representação

Ao invés de proporcionar apenas homogeneização cultural e unidade mundial, a “globalização”, paradoxalmente, tem dado origem a um verdadeiro “espetáculo das diferenças”, à “afirmação das etnicidades” (Schwarcz e Queiroz, 1996, p. 13).

Esse é o panorama contrastante, pondo, de um lado, uma Europa unificada e, de outro, processos “locais” muito fortes: novas nacionalidades, tribalização e o lado obscuro do racismo que não se apagou, mesmo após o forte impacto da lição deixada pela

Segunda Guerra Mundial.

No caso brasileiro, o passado colonial, a larga experiência escravocrata e o cosmopolitismo de suas principais metrópoles configuraram uma determinada fei o de convivência de  tnias e de nacionalidades.

De qualquer forma, o enfrentamento da questão da alteridade e da diferença   inegável entre brasileiros – o estrangeiro constituiu a intensa maioria de seus colonizadores (portugueses) e de seus trabalhadores (africanos, depois imigrantes europeus, asiáticos). Seus descendentes constituem a maioria de seus cidadãos, embora, hoje, haja novos fluxos, novas nacionalidades.

Enla ando-se, pois, o tema da alteridade ao da subjetividade, evidenciam-se processos ligados   vida urbana: segrega o,  tnia, gueto, identidade, surgindo representa es específicas.

Assim, no trato das questões ligadas   alteridade, ganham destaque o universo simbólico e o imaginário, de maneira geral, que dependem do que se convencionou chamar de representa es.

A esse respeito, a palavra de Moscovici   referência obrigatória:

Uma representa o social   a organiza o de imagens e linguagem porque ela realça e simboliza atos e situa es que se tornam comuns. Encarada de um modo positivo, ela   aprendida a título de reflexo na consciência individual ou coletiva de um objeto, de um feixe de idéias que são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro   fascinante: a delicadeza de uma representa o  , por conseguinte, comparada ao grau de defini o e nitidez  tica de uma imagem.   nesse sentido que nos referimos, freqüentemente, a representa es (imagem) do espaço da cidade, da mulher, da criança, da ciência, do cientista e assim por diante. A bem dizer, devemos encará-la de um modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que   dado no exterior, na medida em que os indivíduos e os grupos a relacionam de preferência com os objetos, os atos e as situa es constituídos por (e no discurso) miríades de intera es sociais. Ela reproduz,   certo. Mas essa reprodu o implica um remanejamento das estruturas, uma remodela o dos elementos, uma verdadeira reconstru o do dado no contexto dos valores, das no es e das regras de que ele se torna doravante solidário. (...) Aliás, o dado externo jamais   algo acabado e unívoco; ele deixa muita liberdade de jogo   atividade mental que se empenha em apreendê-lo. (...) Em poucas palavras, a representa o social   uma modalidade de conhecimento particular que tem por fun o a elabora o de comportamentos e a comunica o entre indivíduos. (1978, pp. 25-26)

Como nos diz Moscovici, pois, as representa es são como um

... “corpus” organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa liga o cotidiana de trocas e liberam o poder de sua imagina o. (idem, p. 28)

Dessa forma, é nas relações sociais e no cotidiano que conhecimentos socialmente estruturados e culturalmente aceitos irão condicionar as elaborações individuais e estas, vice-versa, contribuem socialmente, constituindo um movimento duplo e recíproco.

Assim, produtos sociais dinâmicos, as representações sociais características da modernidade são aquelas que espelham inovações trazidas pela racionalidade burguesa, instrumental e, também, evidenciam classes sociais e pessoas que ocupam posições diferenciadas, móveis, em que circulam idéias diferentes – o politeísmo de valores, falado por M. Weber (1973).

Produção simbólica, imaginário – maneiras de ver a realidade (objetivação e subjetivação) muitas vezes naturalizam conceitos, dão realidade ao que é abstrato – classificam, selecionam. Por isso, o tratamento dado ao *outro*, ao diferente vai depender de *memória* individual e coletiva, do processo de constituição da identidade e do cotidiano.

Também a memória se embebe ou se apaga nesse conjunto dos significados coletivos trazidos pela cidade contemporânea.

A cidade ampliada, dividida, fragmentada é apropriada como imagem tecnológica – nas fotografias, filmes e vídeos captados – não mais pelos que convivem cotidianamente com seus espaços, mas apenas pelos turistas e viajantes. Os que transitam diariamente pelos espaços da cidade não têm mais tempo de refletir sobre suas mudanças. (...) O espaço da memória da cidade muda assim de direcionamento e de suporte. Não representa mais um momento representativo da história coletiva da cidade. Deixa de ser também a marca afetiva e evocativa de momentos significativos na vida de seus habitantes. (...) Os marcos da cidade (prédios, praças, monumentos, viadutos, ruas, avenidas) perdem sua singularidade para reaparecerem apenas na memória como pontos de referência no fluxo constante. (Moscovici, 1978, pp. 25-26)

Tal cidade “superexposta”, marcada pela velocidade, desconhece a unidade:

É uma grande rede tecida por pontos de partida e de chegada, pela qual circulam pessoas, imagens e informações. A velocidade máxima, padrão de deslocamento e escola de conduta, mina aos poucos a geografia e o próprio significado dos lugares, a ponto de atravessar-se o espaço urbano como se ele fosse um grande deserto.³

Nesse espaço desertificado, há deslocamentos constantes que se movimentam polarizados por territorialização e desterritorialização, definindo zonas de fixação e banimento.

Ao lado dos espaços abertos desses antigos bairros, onde todos transitam, novas formas de aglomerações urbanas tornam-se – pela multiplicação geométrica com que elas vêm ocorrendo nos últimos anos – verdadeiros territórios entrincheirados, com fronteiras concretamente definidas e policiamento ostensivo que impedem ao “estrangeiro” não morador, a simples circulação em seus territórios.⁴

Paradoxalmente, quanto mais conectado o mundo todo pela comunicação planetária, mais fragmentado está, mais desterritorializado midiaticamente. Aí, é preciso rever

o conceito de *fronteira*: entre países, na es, continentes.   um “nada limitrofe”, dando a entender que a *polis* do século XXI será sem fronteiras, pela existência das comunidades supranacionais. Mas, internamente, em cada cidade, novas territorializa es e fronteiras internas – a das alteridades –, fronteiras entre seus próprios bairros, entre zonas ricas e pobres, culturas diferentes, “guetos” que destroem a idéia comunal de cidade.⁵

Assiste-se hoje ao desmantelamento da memória por parte das sociedades camponesas, tribais – tudo passou para a história –, das na es.

  o mundo inteiro que entrou na dança pelo fenômeno bem conhecido da mundializa o, da democratiza o, da massifica o, da mediatiza o. (...) Fala-se tanto de memória, porque ela não existe mais. (...) Há locais de memória, porque não há mais meios de memória. (...)   o modo mesmo de percep o histórica que, com a ajuda da média, dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película ef mera da atualidade (Nora, 1993, pp. 7-28).

Se habit ssemos ainda a nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares, porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repeti o religiosa daquilo que sempre se fez, numa identifica o carnal do ato e do sentido. A memória   a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolu o, aberta   dial tica da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deforma es sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipula es, suscetível de longas latências ou de repetidas revitaliza es.   um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. (...) Porque   afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou proje es (...) A memória instala a lembrança no sagrado. (...) Emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Holbwachs o fez que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela  , por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (...) Se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.⁶

Por isso   tão importante ouvir esses grupos de estrangeiros na cidade de São Paulo, captando-lhes os sentidos, as lembranças as nostalgias, os conflitos e a rede de rela es. O estrangeiro – talvez no sentido psicanalítico, como enigmático, sedutor, traumatizante –   composto da dualidade eu/outro, atravessado por cisões, outro construido como necessidade de afirma o do si mesmo, “retorno recalcado, aquilo que se confunde com o outro, aquele que não   eu, mas, não obstante, habita em mim” (Koltai, 1994).

Identidades territoriais podem provocar xenofobia e segrega o ou, ainda, colaborar para a forma o da identidade de classe, como a operária, por exemplo, a partir da socializa o. Os trabalhos de Castells e J. Mollenkopf (1997)⁷ sobre Nova York apontam a possibilidade de que as desigualdades socioespaciais levem   fragmenta o das identidades sociais, pois  tnia, g nero e ocupa o dispersam as camadas subalternas, enquanto elites de executivos dispõem de coesão social por alta capacidade de se organizarem.

Convém, pois, estudar que efeitos advirão da combinação de fatores étnico-raciais, culturais, quais resultados serão identificados a processos de dualização, fragmentação e, no limite, marginalização (ou inserção marginal) e exclusão.

A dimensão etno-racial e a estigmatização social constituem importantes fatores na identificação das desigualdades e dos processos de segregação e conflito. No limite, a reflexão sobre o gueto e o racismo é oportuna porque envolve os aspectos de laços e de rupturas.

A meu ver, o racismo não tem a ver com a questão das diferenças. O que leva ao racismo não parece ser a incapacidade para suportar a diferença; muito pelo contrário, o que leva ao racismo, o que exaspera alguém até torná-lo racista, é ver o diferente tornar-se o mesmo, ou seja, é ver o outro como muito parecido e, por isso sentir-se ameaçado na sua identidade. (...) a Diferença protege a identidade. Nós nos definimos sempre em relação a um diferente, pela comparação. A diferença é tranquilizadora. Só quando alguém se vê ameaçado na identidade é que precisa carimbar uma estrela de Davi amarela na roupa do judeu, precisa ressaltar a cor e outros artifícios mais absurdos. (...) É no momento em que se tem medo de perder a identidade, de uma perda de contorno próprio, que se precisa definir algo de diferente no outro. É a união do diferente no mesmo que leva a suportar mal o fato de ser o mesmo que se mostra em diferentes estados. O que acontece é que se fabrica – do modo mais arbitrário, com os meios que se têm à mão – um outro. Na marra. (Chnaiderman, 1996, p. 85)

Resgatando a história das migrações de massa⁸

A história de São Paulo, desde a segunda metade do século XIX, não poderia ser escrita sem se considerar o fenômeno das correntes migratórias do mundo. De fato, para cá vieram pessoas de todos os continentes e de todos os estados brasileiros, num fenômeno de deslocamento populacional jamais presenciado antes em nossa história. O município de São Paulo, que em 1872 contava com 31.385 pessoas, passou a ter 6 milhões de habitantes um século depois e, em 1980, 8,4 milhões de pessoas.⁹ De um burgo de estudantes, construído à base de taipa à época do início do Império, passou a ser a principal e maior cidade do País e uma das maiores do mundo.

O fluxo migratório da Europa para o Brasil, sobretudo no período final do século passado e no início deste século, foi um fenômeno importante. De 1891 a 1920 mais de 2,5 milhões de imigrantes desembarcaram em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Santos e também em Vitória. Provinham de diversas partes do mundo, mesmo da Ásia, mas a grande maioria era composta de europeus, portugueses, espanhóis, alemães, holandeses e, naturalmente, italianos. (...) A emigração européia significou muito para o Brasil. Significou muito em termos quantitativos, porque foi a causa principal do rápido crescimento demográfico

do país e contribuiu muito para o processo de urbanização. Mas significou muito mais ainda em termos qualitativos porque marcou de modo considerável o desenvolvimento econ mico agrícola e industrial, a vida política e civil, o crescimento cultural e artístico. (...) A fisionomia do Brasil não seria hoje a mesma sem a contribuição daqueles milhões de emigrados europeus, de seus filhos, de seus netos. (Boni, 1990, p. 17).

Para investigar cronologicamente essa imigração para são Paulo e para efeito metodológico da pesquisa, dividiu-se o período estudado em cortes históricos que correspondem a fatos que modificaram o cenário político e, portanto, os fen menos migratórios para a cidade.

Em caráter preliminar, esquematiza-se uma periodização:

O primeiro período corresponde de 1870 até o final da Primeira Guerra Mundial (1914-1919). Nesse período, observa-se o início do processo de industrialização da cidade de São Paulo e a chegada de grande número de imigrantes europeus e asiáticos. De 31 mil pessoas em 1872, a cidade passa a 239,8 mil em 1900, apresentando nessa última década do século passado um crescimento de 13,96% ao ano. Em 1920, a população do município era de 579 mil habitantes.

O segundo compreende o entre-guerras, de 1918 a 1945, ou seja, até o final da Segunda Guerra Mundial; nesse período, a cidade vai quase quadruplicar em quantidade de moradores, de modo que, em 1950, o censo aponta uma população 2.198.096 habitantes.

O terceiro período compreende o pós-guerra até 1980, quando se observa a metropolização da economia paulistana e a conurbação do território da cidade com outros municípios limítrofes.

Um quarto período refere-se aos anos 80 e 90, período atual, que mereceu um estudo específico.

No primeiro período, a cidade cresce basicamente com a presença de imigrantes estrangeiros, principalmente europeus. Nessa época,   possível que a migração rural-urbana no estado já tenha ocorrido a partir da última década do século XIX, embora o fato mais importante do período seja a consolidação de São Paulo como importante centro integrador regional na medida em que

as relações capitalistas de produção se estenderam, intensificando a divisão do trabalho e o conseqüente crescimento do pequeno comércio, da classe média profissional ou burocrática, dos primeiros núcleos operários. (Fausto, 1979)

No plano histórico-econ mico no qual se desenvolveu a dinâmica da lavoura cafeeira, o fluxo migratório estrangeiro se constituiu como uma das peças responsáveis pela redefinição das relações sociais de produção, principalmente as relações de trabalho.

Analisado sob a ótica econômica, tanto no seu papel de colono¹⁰ (assalariado) quanto no seu papel de pequeno proprietário, deve-se observar que o imigrante, apesar de ser um trabalhador livre, era expropriado e espoliado.

A expansão da economia cafeeira em São Paulo só foi possível em função da importação de mão-de-obra naquelas condições de trabalho e de vida. Na aceitação dos fazendeiros do café, o trabalhador estrangeiro era a saída para viabilizar a expansão da lavoura cafeeira. Uma passagem no texto de Holloway (1984) é esclarecedora sobre este assunto:

A decisão de promover a emigração da Europa meridional foi uma solução rápida e eficiente para o problema de força de trabalho dos fazendeiros. Considerando os resultados, foi também uma solução barata para a elite paulistana. (Holloway, 1984)

A partir de 1900, a Hospedaria do Imigrante, localizada no bairro do Brás, passou a ser uma espécie de “balcão de emprego”, um entreposto comercial de mão-de-obra estrangeira. O que era para ser uma casa temporária para o imigrante recém-chegado, aos poucos se tornava um local permanente.

Pouco a pouco o estado ou intervindo no processo de captação de mão-de-obra estrangeira, chegando a criar um órgão responsável para tal função: o SPI – Sociedade Promotora de Imigração.

De 1886 a 1895 a SPI garantiu o programa de imigração durante todo o período de reorganização social, compreendendo a queda do Império e o subsequente estabelecimento do sistema político republicano. O subsídio era concedido ao imigrante com base em alguns critérios como: sexo, idade e estrutura familiar.

Em 1897 é abolido o sistema de imigração subvencionado; como consequência, há um aumento considerável e superior dos migrantes em relação aos imigrantes. Estes, na concepção da elite paulista, expressavam a noção de “agente civilizador”; o trabalhador nacional, no entanto, a noção de barbárie.

O período entre 1902 e 1920 representou a consolidação da política imigratória em todo o País, iniciada em São Paulo.

(...) O imigrante italiano, desde o primeiro momento de sua aproximação com a nova sociedade, conseguiu optar entre a vida no campo e na cidade, assim como manteve certa autonomia na escolha de seu trabalho, apoiando-se em valores do mundo camponês de onde saíra e que a expansão capitalista ainda não conseguira destruir. (Alvim, 1986)

Cerca de 70% dos italianos que vieram para o Brasil tinham como destino o estado de São Paulo, onde havia cerca de 610 mil deles. Entre 1896 e 1901 ocorreu o ápice do seu movimento de repatriamento, vindos do Brasil. Em São Paulo, 46% dos imigrantes que deixaram o estado eram italianos.

A região v neta foi eleita como fornecedora predileta de mão-de-obra imigrante para São Paulo devido   profunda crise econ mica que sofria, agravando a miséria já ali reinante. (idem)

Dentro deste contexto, os italianos tiveram, sobretudo, grande importância no processo de industrializa o e forma o das cidades.

Entre os estrangeiros, foram eles que ocuparam o primeiro lugar como proprietários de imóveis urbanos, o que vem reforçar a tese do deslocamento campo-cidade, constituindo bairros caracteristicamente italianos e industriais como Brás, Bom Retiro, Barra Funda, Belenzinho e Bela Vista.

No segundo período, a partir da consolida o da cidade como pólo industrial, observa-se que seu crescimento corresponde também   chegada de imigrantes provenientes de outras partes do território nacional. A política desenvolvida pelo governo revolucionário de 1930, como pelo Estado-Novo, veio contribuir para a transferência (deslocamento) de capital e de força de trabalho de outros mercados regionais do País, acumulando-se de forma extraordinária no sudeste do Brasil. Nesse período, foram criadas novas condi o es para expansão física da cidade, iniciando o processo de espraiamento da malha urbana.

A expansão da rede de transportes coletivos e o surgimento do ônibus por volta de 1924, permitiram que novas áreas fossem loteadas e gradativamente ocupadas por aqueles moradores que até então não tinham acesso   propriedade de uma casa ou um "lote". (idem)

No terceiro período, presenciamos a agiliza o desse fenômeno, quando a cidade passa a ser o novo centro internacional de acumula o de capital, a partir de investimentos multinacionais. O processo, provocado por uma nova divisão internacional do trabalho baseada na descentraliza o do parque industrial, transfere para alguns países da periferia do sistema capitalista um aparato industrial moderno, entre os quais o Brasil, que já detinha uma industrializa o, ainda que incipiente, baseada na produ o de bens de consumo não duráveis e populares.

São Paulo passa a ser o epicentro desse novo modelo de acumula o de capital do País, A cidade já dispunha, nessa época, de condi o es mais favoráveis às necessidades das novas indústrias que irão ser implantadas. Contava com uma razoável rede de infra-estrutura e serviços urbanos, bem como de pequenas e m dias unidades fabris que poderiam fornecer alguns dos insumos necessários   grande indústria e, além disso, estava localizada numa região próxima aos grandes mercados consumidores internos e já possuía uma força de trabalho com uma certa especializa o na indústria.

Nos anos 50 e 60, a cidade de São Paulo teve um surto de crescimento populacional jamais imaginado por estudiosos do planejamento urbano dos anos 40.¹¹ Em 1940, havia 1,32 milhão de habitantes; já em 1950, a popula o era de 2,19 milhões; isso significa que a popula o quase dobrou em uma década. De 1950 para 1960, a

população cresceu a uma taxa de 5,6% ao ano, passando para 3,6 milhões de pessoas. De 1960 para 1970 a população cresce na ordem de 4,5% ao ano, chegando a 5,9 milhões de habitantes. Em 1980, apresenta 8,4 milhões e, em 1991, a cidade contou com 9.480.00 habitantes.

Nesse último período, o processo de imigração para São Paulo realizou-se, principalmente, por deslocamentos internos de pessoas de outras localidades do País. Estes viriam a situar-se em antigos bairros operários outrora habitados por imigrantes estrangeiros e, de um lado, mudaram a fisionomia de sua paisagem e, de outro, foram responsáveis pela criação de vários bairros na periferia da cidade. Além da favelização, do inquilinato social e dos homeless, o fenômeno urbano de ocupação por loteamentos "clandestinos" levou a um espraiamento excepcional da malha urbana que chega hoje a 900 km². Tais loteamentos tinham por objetivo abrigar o enorme contingente populacional que se deslocava para esta cidade, cujos lotes eram vendidos a prestação e neles construídas as moradias pelo processo de autoconstrução dos moradores e seus familiares.

A segregação residencial que a partir daí se produz pode ser atribuída à conjugação dos efeitos do mercado imobiliário (inacessível à população de baixa renda, em áreas equipadas) e da atuação do Estado que beneficia o setor imobiliário em detrimento da população. (Bógus, 1992)

Territorialidades paulistanas¹²

Como vimos, a partir de 1850, profundas transformações socioeconômicas acarretariam mudanças na cidade de São Paulo; entre tais fatores estariam o café, a ferrovia, a presença do imigrante, o declínio e a Abolição da escravidão e, posteriormente, a industrialização de substituição de importações. São Paulo transforma-se na metrópole do café, grande pólo econômico da nação; nela, o bairro do Brás vai ganhar grande significado, documentando aspectos importantes do processo histórico brasileiro e evidenciando uma dada territorialidade: italianos outrora, hoje nordestinos.

A maioria dos imigrantes deu preferência ao estado de São Paulo, cujo governo, controlado pela classe dos produtores de café, oferecia maiores subsídios à imigração. O Brasil iria recolocar-se em terceiro lugar no "fluxo incessante da emigração italiana entre os anos 80 e a Primeira Guerra Mundial, depois dos Estados Unidos (5 milhões entre 1875 e 1913) e da Argentina (2.400.000)" (Trento, 1988, p. 18).

Em 1892, a Sociedade Promotora de Imigração informava que, dos 263.196 imigrantes chegados a São Paulo, 77% eram italianos, 9,8% eram portugueses, 5,7% espanhóis e, menos representativos, alemães (2,4%), austríacos (1,6%) e ainda russos, franceses, dinamarqueses, belgas e outros. Dos italianos, "o maior contingente compunha-se

de v netos”, região que forneceu 30% dos enviados ao Brasil entre 1870 e 1920 (Alvim, 1986, p. 62).

As varia es no movimento emigrat rio dependeram mais das condi es da Itália, em termos de expulsão, do que de outros fatores brasileiros. A transi o capitalista italiana espalhava-se por regiões sucessivas e a emigra o acompanhou tais movimentos.

Essa diversidade de origens explicaria, em parte, suas diferentes ocupa es em São Paulo, bem como seus anseios e formas de resistência   proletariza o e mesmo sua identidade de trabalhador.

Territórios italianos

Uma vez na cidade, o trabalhador imigrante procurava lugar para se instalar, compatível a seu poder aquisitivo e que fosse próximo ao seu local de trabalho. Daí a procura pelo Brás, por conter terrenos mais baratos, de várzea, pela presença da Hospedaria dos Imigrantes, da ferrovia e das indústrias.

A planta da cidade de São Paulo de 1881 já mostrava a expansão da cidade nas dire es Oeste e Noroeste, além do núcleo histórico inicial, configurando os bairros burgueses e os operários. Provindo do loteamento da chácara do Campo Redondo, surge o bairro de Campos Elíseos, com suas mansões, com projetos inspirados em castelos europeus e residências de luxo da elite. Ao lado dessas, havia outras constru es representativas de camadas m dias da popula o e poucas mor dias operárias.

A cidade, ocupada inicialmente quase que apenas no interior do maciço principal na sua porão Sudoeste, agora apresentava bairros populares: Brás, Pari, Moooca, zonas de planície, a Norte e Leste, contendo várzeas insalubres e ocupadas, após as ferrovias, pelas camadas de mais baixa renda. Percebe-se, assim, que a cidade começa a apresentar zonas de diferencia o e hierarquiza o: uma da geografia das classes sociais.

Segundo Villaça (1978), São Paulo organizava-se em duas partes distintas, com os rios estabelecendo verdadeiras faixas divisórias. O córrego Anhangabaú, o rio Tamanduateí, além da estrada de ferro SPR (Santos a Jundiá), marcavam diferentes territórios: a Leste, localizavam-se os bairros populares (mistos) com residências operárias, indústria e comércio, tendo como pioneiro o Brás. A Oeste, formavam-se os bairros da aristocracia rural e da burguesia industrial em Campos Elíseos, Vila Buarque, Higienópolis e Avenida Paulista.

O núcleo de imigrantes italianos

(...) viveu bastante segregado do restante da popula o paulistana. Isso muito contribuiu para que o Brás se tornasse um bairro com intensa vida própria, diferente do restante da cidade e dela independente. Essa segreg o inicial

fez com que seus moradores freqüentassem pouco o centro da cidade e, com isso, criou-se, no próprio bairro, uma grande e relativamente prematura demanda para comércio e serviços. (idem)

A grande imigração italiana pode ser abordada, também a partir da presença de uma categoria profissional: os médicos, (Salles, 1996). Tal abordagem visa reconstruir a trajetória da integração étnico-profissional dos médicos italianos, relacionando o projeto de ascensão social desses profissionais com o desenvolvimento de uma política de saúde pública no estado de São Paulo.

No período que compreende o final do século XIX e começo do século XX, desenvolve-se um projeto político de saúde pública no estado, tendo os médicos italianos um papel significativo na “expansão da prática médica paulista”, já que a carência de médicos era grande, pois nesse período não havia políticas sociais de saúde; era demasiadamente precário o atendimento dispensado aos imigrantes, em especial aos que estavam distribuídos nas regiões cafeeiras.

O projeto de ascensão profissional, diretamente relacionado à constituição da italianidade, perpassa por um projeto de saúde pública, em que “as condições médico-sanitárias” são debatidas, muito embora os médicos italianos não tenham sido os responsáveis pelos rumos seguidos por tal projeto. No entanto, o desenvolvimento médico-científico no Brasil conta com grande influência dos médicos italianos, o que marca profundamente a experiência das condições médico-sanitárias e a prática médica brasileira.

O Brás chega a seu apogeu na década de 40, consolidando-se como território italiano. Na década de 50, começa o seu esvaziamento e “deterioração”, provocada, entre outros fatores, pelo sistema viário, pelas vias expressas que começam a descaracterizar suas praças e ruas, moldando o bairro com vocação para zona de circulação e passagem na metrópole industrial.

Seus imigrantes bem-sucedidos saem para residir em bairros exclusivamente residenciais e menos congestionados e poluídos. Novos ocupantes surgem: agora migrantes nacionais, geralmente nordestinos que vão se instalar nos cortiços, nas “cabeças de porco” adaptadas para o uso coletivo, adensadas e tão precárias e promíscuas quanto as do início do século XX.

As indústrias se afastam para outras regiões da cidade e fora dela (expansão rodoviária), há deterioração e, hoje, sua vida contrasta com o centro político efervescente dos anos 10, 20, 30 e 40. A implantação do Metrô foi decisiva na descaracterização do bairro que sofre cirurgias, desapropriações. Muitos moradores são expulsos.

Quando no novo território se concentram nordestinos, trazendo seus hábitos, suas comidas, suas canções, os espaços são reinterpretados, as praças são ressignificadas. E são vítimas do mesmo preconceito e violência que os primeiros ocupantes italianos sofreram das elites paulistanas. Hoje é a pecha de “baiano” como foi a de “carcamano” para

os imigrantes. O Brás dos “paesanos” agora   dos “conterrâneos”. Hoje o Brás parece estar convivendo com processo de *gentrification* (V ras, 1991).

Os lusitanos: há uma territorialidade específica?

A imigra o portuguesa sempre foi a mais freqüente e antiga no Brasil, descoberto e colonizado pelo empreendimento lusitano. Dado o passado colonial e as características de sua civiliza o, os portugueses se misturaram aos nativos e são das principais influências na forma o de nosso povo, com sua posi o de colonizador ou ex-colonizador. A São Paulo oitocentista, “burgo de estudantes”, era um tanto xenófoba e os portugueses, se considerados ainda muito próximos aos paulistanos, também evocavam sentimentos nativistas, certa oposi o aos ex-conquistadores.¹³

O movimento emigrat rio europeu no século XIX atingiu cifras enormes e cerca de 500 mil emigrantes portugueses vieram para o Brasil, mesmo depois da Independência. Já no século XX, Portugal e Brasil mantiveram a convenço sobre Igualdade de Direitos e deveres entre brasileiros e portugueses.¹⁴

Após a Guerra Mundial de 1914-18 e a crise econ mica de 1929, houve diminui o das taxas imigratórias; mas, a partir de 1949, retomou-se o ritmo, graças a conhecidos fatores econ micos e políticos. A situa o política portuguesa até 1974, sob Salazar e a recessão econ mica constam como causas da saída de portugueses que vêm para o Brasil, país de língua e costumes afins. A continuidade e permanência de emigra o portuguesa para o Brasil parece ser razão imperativa pelos vínculos históricos de um passado de difusão dos valores culturais que são herança das duas na o es (Bettencourt, 1961).

Integrados ao mercado de trabalho e, em grande parte, voltando-se ao ramo do comércio, também como empresários, pequena empresa alimentícia e serviços, como panificadoras, bares, restaurantes e supermercados, os portugueses se espalham por todos os bairros da capital paulista, alguns muito bem-sucedidos. Há clubes, associa o es esportivas e religiosas que congregam lusitanos para ouvir músicas, lembrar da terra natal, eventualmente manter tradi o es de danças t picas e festas religiosas, e   nesses pontos que se expressa tal territorialidade.

A presença espanhola

Trata-se da trajetória do terceiro maior fluxo migratório estrangeiro para o Brasil, depois de italianos e portugueses, seguidos pelos asiáticos, cujo foco de abordagem está centrado na perspectiva econ mico-social. Uma das principais raz o es do fluxo migratório

espanhol para o Brasil, segundo Klein (1994), foi o desenvolvimento da economia cafeeira e fatores externos, como a Segunda Guerra Mundial.

No que se relaciona à mobilidade social e econômica, o imigrante espanhol se destacou com predominância nas atividades rurais, o que lhe proporcionou um melhor desempenho na agricultura paulista. Até 1930, o fluxo migratório espanhol fora direcionado para a economia cafeeira; já de 1930 em diante, sobretudo nos anos 50 e 60, o fluxo voltava-se para a indústria e o comércio.

O caráter predominantemente rural e endogâmico – pois também fora o grupo que mais emigrou com unidades familiares – aliado à dispersão geográfica e à baixa mobilidade social e econômica são, segundo Klein, as razões pelas quais os espanhóis, diferentemente dos italianos e dos portugueses, constituem o grupo que se dispersou com maior rapidez.

Se a pequena participação do imigrante espanhol nos negócios, no comércio e na indústria o torna o menos urbano entre os principais grupos de europeus, já a sua participação no movimento operário é notável, destacando-se entre as principais lideranças.

Embora sendo o mais rural dos principais grupos de imigrantes europeus, nem por isso o espanhol deixou de ter suas marcas na cidade de São Paulo. Os espanhóis, como mostra Klein, apesar da tímida participação nas atividades industriais, têm forte presença no movimento operário organizado, sobretudo “nos movimentos socialistas radicais e anarco-sindicalistas...”.

Com importante contribuição aos estudos da presença espanhola entre nós, Maciel e Antonacci trazem a seguinte caracterização:

... Através de relatos memorialistas e de cronistas, foi possível traçar um mapa da concentração de espanhóis na cidade de São Paulo, localizando espaços de moradia e lazer nos bairros da Mooca, Brás, Belenzinho, Cambuci e Bom retiro. Nesses bairros, eles partilharam com outros imigrantes os inúmeros cortiços, disputaram empregos existentes e enfrentaram as dificuldades da vida cotidiana. Nem sempre a convivência foi pacífica, sendo frequentes os relatos de conflitos de rua. (Antonacci e Maciel, 1997, p. 64)

Imigração japonesa em São Paulo

O Kasato Maru, primeiro navio com imigrantes japoneses, atracou no Porto de Santos em 1908. Segundo várias fontes, cerca de 190.000 pessoas fizeram o percurso Kobe-Santos. O movimento migratório japonês chega ao Brasil nesse ano, podendo até ser caracterizado, entre as principais correntes, como o de “imigrantes novos”. Há vários motivos desse atraso, tanto do lado brasileiro quanto do lado japonês. Um deles diz respeito à distância e à falta de comunicação regular, além da “ausência de recursos

financeiros das companhias interessadas em promover a emigra o, para responder pelo repatriamento caso os resultados esperados não fossem positivos". (Bassanezi, 1995) o Deslocamento populacional japonês cresce a partir de 1924, impulsionado em fun o da política emigrat ria japonesa que passa a promover a emigra o para o Brasil.

A corrente migratória japonesa   marcada pelo aspecto da compreensão do processo integra o/adapta o, focalizando-se a participa o e a adapta o na sociedade de ado o, em termos sociais e culturais. Esse processo de integra o também fora marcado pela mudança de *status* social e pela diversidade ocupacional, no caso da agricultura, passando às atividades comerciais e industriais.

A imigra o japonesa também foi marcada pelas tradi es culturais expressas na família, nos hábitos e nos costumes. Os pioneiros, que representam a primeira gera o, além de procurarem resgatar sua história, preocuparam-se em deixar para os mais jovens uma herança baseada na supera o das dificuldades e nas adversidades encontradas desde que chegaram. Do Japão vem toda uma cultura milenar; no Brasil, a possibilidade de vencer na vida e voltar ao lugar de origem. Segundo Célia Sakurai, tal imigra o "deu certo"¹⁵, ou seja, o imigrante japonês procura aplicar a racionalidade do país de origem na conduta que adotará no país de ado o.

A autora ressalta a importância da mulher japonesa no lar e ainda porque os romances são escritos por mulheres. Por um lado, sem d vida, por possuirem maior tempo para escrever, mas, sobretudo, pela grande vontade de deixar um testemunho feminino sobre o tema. A arte, nesse caso, reflete a organiza o social. Os romances não mostram a mulher como personagem principal. Entretanto, através dela, filtram-se os acontecimentos cotidianos, a angústia, o medo, o sofrimento, a alegria, enfim, as avalia es e o peso dos julgamentos dos fatos cotidianos. Embora fosse fun o do pai vencer na vida, a importância materna se faz de uma maneira não menos importante.   ela responsável pela poupança familiar e pela educa o moral e escolar dos filhos. O trabalho honesto   importante para a honra da família, o que os afasta da marginalidade e da prostitui o. A mulher   parte fundamental para a continuidade das tradi es familiares, o eixo que une os filhos e os homens, empurrando-os para o futuro.

Os primórdios da imigra o japonesa no Brasil mostram que esse tipo de estrutura familiar seria de fundamental importância para o enfrentamento das adversidades que viriam após sua chegada nesta terra. Vieram para o desconhecido. A esperança de viver em um país de abundância, a terra prometida pelas agências de imigra o, com trabalho para os homens e uma diversidade cultural que chamava a aten o das mulheres, aliada aos problemas que o próprio Japão vivia, fez com que muitas famílias abandonassem seu lugar de origem e emigrassem. Entretanto, ao desembarcarem em terras brasileiras a realidade era outra. Tinham as passagens subsidiadas e o trabalho determinado. Como outras etnias, tinham o propósito de trabalhar, acumular e voltar para o país de origem; entretanto, tais planos foram destruidos pelas oligarquias rurais, expressas no endividamento dos colonos.

A crise do começo dos anos 20 trouxe a concorrência européia para os mercados asiáticos. Aliado a isso, o protecionismo japonês contra a indústria de alta produtividade trouxe recessão e desemprego. A guerra Russo-Japonesa de 1905 ajudou a saída de japoneses para a América. Eram vistos, segundo Nakamura (apud Sakurai, 1994), como “água que havia transbordado de um tanque cheio”.

Encontraram aqui costumes, hábitos e tradições diferentes; entretanto não podiam voltar atrás. Teriam de ficar e enfrentar todas as adversidades. Então, a idéia principal é a do *Gambarê* que, segundo a autora, é fundamental para entendermos a imigração japonesa no Brasil. Tal palavra, na verdade uma espécie de filosofia de vida, significa suportar todas as adversidades sem reclamar, ou seja, a aceitação resignada do destino, que tem aí um significado positivo. O homem deve buscar a harmonia, na sua relação com o universo, e tal aceitação é uma das virtudes. Também significa força e perseverança, disposição para seguir em frente, no trabalho, cada vez mais, para poupar mais, ou seja, o caminho para a maturidade sempre progressiva.

Os imigrantes de primeira geração enfrentam os problemas como controle cultural, sacrifício no trabalho, adaptação aos padrões alimentares, moradias, “rituais” do mundo rural brasileiro e, especialmente, o aprendizado de uma nova língua. Houve, ainda, dificuldades na instalação das famílias nas fazendas e todas essas adversidades são olhadas como sofrimento. Daí a importância do *Gambarê*, pois, a partir da segunda geração, haveria uma maior motivação para vencer, exaltando perseverança e coragem. Os filhos deveriam ser educados aqui para a manutenção de laços com o país de origem. O sacrifício para cuidar dos filhos seria recompensado, pois, em raros casos, os filhos não chegavam a um lugar de destaque. Era essa a grande satisfação da primeira geração.

Célia Sakurai enfoca, também, a questão dos filhos e netos de japoneses e as dificuldades dessas gerações em buscar a identidade de japoneses ou brasileiros. Uma dúvida entre a obediência às tradições milenares ou à possibilidade de inserção em uma nova cultura, bem mais flexível. Nos romances, Sakurai mostra que há, em toda a literatura analisada, a questão da autoridade paterna que faz muitos dos personagens deterem seus sonhos de auto-realização.

Na questão da identidade dos descendentes de japoneses, a família pesa com traços marcantes. Contudo, a terceira geração não sofreria mais a mesma dificuldade.

A importância do *Gambarê*, segundo essa autora, é decisiva para a consolidação da emigração no País, pois faz com que os imigrantes japoneses sejam trabalhadores, esforçados, pacíficos e pessoas com grande capacidade de transformar situações adversas.

Identifica o preliminar dos territórios – dados censit rios¹⁶

A informa o censitária refere-se aos residentes de nacionalidade estrangeira no momento do recenseamento. Esses dados apenas indicam a propor o de estrangeiros na cidade, mas não consideram o processo, a descendência, a influência cultural e as suas marcas. Estamos, pois, apresentando esse dado preliminar de uma certa geografia dos estrangeiros que deverá ser complementada com as contribui es advindas da pesquisa bibliográfica e da história oral, apreendida por entrevistas com estrangeiros – memória de velhos.

O intenso movimento imigratório estrangeiro para a cidade de São Paulo está localizado, principalmente, no período que compreende de 1872 a 1940, em cujo fluxo predominam as seguintes correntes migratórias: italiana, portuguesa, japonesa, espanhola e alemã.

No seu conjunto, a Tabela 1, além de oferecer uma medida do que foi o fluxo de estrangeiros para o município, expressa também a dimensão do peso dos imigrantes tanto na composi o da popula o paulistana, quanto na organiza o da cidade de São Paulo. Em 1890, do total de 38 mil estrangeiros declarados no estado, 14 mil estavam na cidade de São Paulo, representando quase 37% de toda a popula o estrangeira residente no estado.

Considerando o período entre 1872 e 1920, primeiro período da nossa análise, momento no qual houve maior aporte de imigrantes estrangeiros, sobretudo em razão da expansão da economia cafeeira, um dos motores que impulsionou o grande fluxo migratório, observamos o pleno crescimento da popula o de estrangeiros no município: de apenas 7,84% em 1872, passaram para 22,03% em 1890 e saltaram para 35,69% em 1920. Em números absolutos, de aproximadamente 2,5 mil estrangeiros em 1872, a cidade passa a ter 206,6 mil em 1920, perfazendo quase a metade dos habitantes da cidade.

No segundo período (1920 a 1940), a cidade aumenta quase quatro vezes sua popula o, mas, do censo de 1940 em diante, notamos significativo declínio de estrangeiros na cidade, tendo como um dos motivos desse decréscimo o regime de quotas criado pela Constitui o de 1934, que não são limitava a entrada de estrangeiros no Brasil como também lhes fiscalizava a circula o e a localiza o. A Segunda Guerra Mundial afeta esses deslocamentos populacionais.

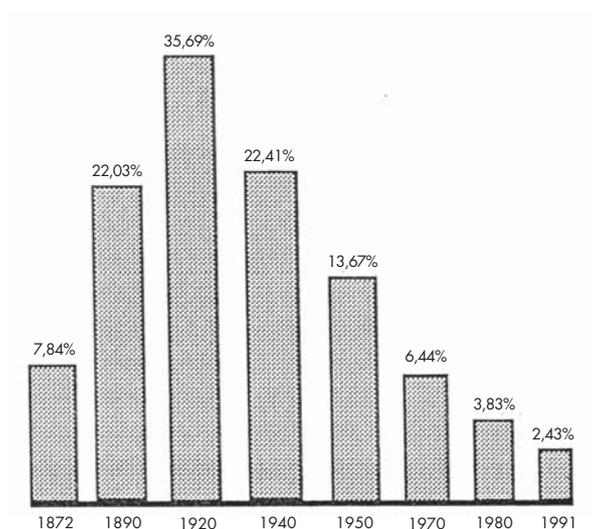
No ano de 1940, de um total de 1,3 milhões de habitantes no município, declaravam-se estrangeiros residentes na cidade 22,41% da popula o; essa propor o vai decaindo progressivamente para 13,67% em 1950, 6,44% em 1970, 3,83% em 1980 e 2,43% em 1991, ano em que a popula o total da cidade chega a 9,6 milhões de habitantes.

Tabela 1 – População total e estrangeiros nas datas dos recenseamentos no município de São Paulo

Datas do censo	População total (A)	População de estrangeiros	% B/A
1872	31.383	2.459	7,84
1890	64.934	14.303	22,03
1920	579.033	206.637	35,69
1940	1.326.261	297.214	22,41
1950	2.198.096	300.430	13,67
1960	3.788.857	s/informação	s/informação
1970	5.924.615	381.697	6,44
1980	8.493.226	325.540	3,83
1991	9.626.898	233.643	2,43

Fonte: IBGE.

Gráfico demonstrativo do peso porcentual dos estrangeiros na população total da cidade de São Paulo em diferentes datas de recenseamento



Obs.: as porcentagens não se referem à mesma base populacional

Embora o censo de 1940 demarque, em termos relativos, o decréscimo de estrangeiros na cidade, ele não o expressa em números absolutos, no período de 1945 a 1980, já que eles se mant m crescentes de 1950 a 1970, saltando de 300 mil para 381,6 mil, respectivamente, decaindo para 325,5 mil em 1980. Apenas em 1991, quarto período analisado (1980 a 1991), pode-se falar em diminui o absoluta e relativa da imigra o estrangeira em São Paulo. Importante registrar que foi a partir de 1940 que os migrantes nacionais se dirigiram massivamente para o sudeste do País e São Paulo recebeu expressivos contingentes, quando de sua industrializa o associada (de 50 em diante).

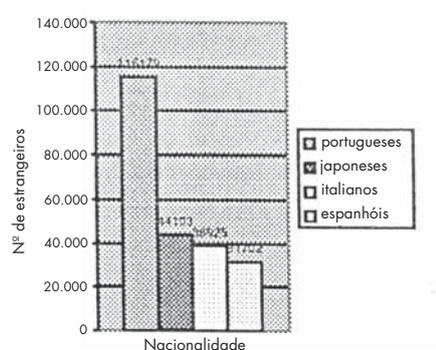
Tabela 2 – Popula o residente por nacionalidade em 1980

Grupo	Nacionalidade	N�	%
Grupo I	portugueses	115.179	35,38
	japoneses	44.103	13,55
	italianos	38.925	11,96
	espanhóis	31.702	9,74
	total	229.909	70,62
Grupo II	alemães ocidentais	9.512	2,92
	russos	5.945	1,83
	libaneses	5.427	1,67
	romenos	3.419	1,05
	poloneses	3.356	1,03
	norte-americanos	3.333	1,02
	s�rios	1.950	0,60
	alemães orientais	400	0,12
	total	33.344	10,24
Grupo III	argentinos	7.934	2,44
	bolivianos	3.213	0,99
	uruguaio	2.715	0,83
	paraguaios	1.607	0,49
	total	15.469	4,75
	outros	44.207	13,58
	sem declara�o	2.611	0,80
total estrangeiros	325.540	100	

Fonte: Censo Demográfico – 1980.

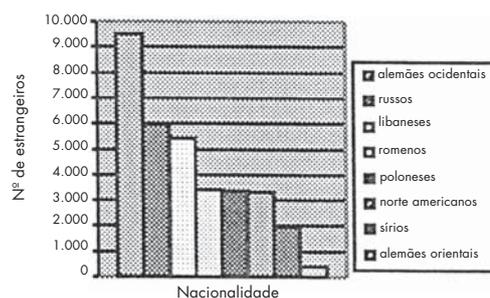
A tabela 2 nos oferece a popula o de estrangeiros residentes na cidade, distribuída por grupos de nacionalidades. O grupo I, composto pelas quatro correntes migratórias mais expressivas,   responsável por 70,62% da popula o estrangeira da cidade, respondendo por 2,7% dos habitantes do município. O gráfico seguinte ilustra o grupo I em números absolutos.

População estrangeira residente no município de São Paulo em 1980 – Grupo I



Já o Grupo II, constituído por nacionalidades menos expressivas, oriundas de dois continentes (Europa, Ásia) e da América do Norte, concentra 10,24% dos estrangeiros na cidade, em números absolutos, conforme demonstra o gráfico abaixo:

População estrangeira residente no município de São Paulo em 1980 – Grupo II



O grupo III, composto por latino-americanos, perfaz quase 5,0% das nacionalidades declaradas no censo de 1980, correspondendo, os 14,38% restantes, a "outros" e "sem declaração", conforme é evidenciado no gráfico abaixo.

População estrangeira residente no município de São Paulo em 1980 – Grupo III

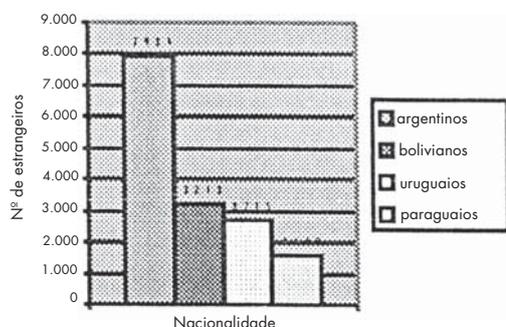


Tabela 3 – Popula o no município de São Paulo (naturalidades predominantes) por distritos, subdistritos, regiões e grupos de nacionalidades em 1980 – Grupo I

Região	(A)	Portugueses		Italianos		Espanhóis		Japoneses		Total do Grupo I	
	Popula�o em 1980	n� Ab	% (A)	n� Ab	% (A)	n� Ab	% (A)	n� Ab	% (A)	n� Ab	% (A)
<i>Região Norte</i>											
Brasilândia	176.289	529	0,30	73	0,04	121	0,07	187	0,11	910	0,52
Casa Verde	110.634	2.025	1,83	640	0,58	399	0,36	1.622	1,47	4.686	4,24
Limão	86.034	1.266	1,47	247	0,29	249	0,29	293	0,34	2.055	2,39
N. S. do �	173.856	2.301	1,32	527	0,30	470	0,27	259	0,15	3.557	2,05
Santana	274.101	5.740	2,09	1.324	0,48	981	0,36	735	0,27	8.780	3,20
Tucuruvi	463.262	9.967	2,15	1.356	0,29	1.849	0,40	1.708	0,37	14.880	3,21
Vila Guilherme	77.120	3.209	4,16	186	0,24	378	0,49	204	0,26	3.977	5,16
Vila Maria	131.851	4.539	3,44	488	0,37	447	0,34	288	0,22	5.762	4,37
V.N. Cachoeirinha	37.411	347	0,93	97	0,26	34	0,09	199	0,53	677	1,81
<i>Subtotal Norte</i>	<i>1.530.558</i>	<i>29.923</i>	<i>1,96</i>	<i>4.938</i>	<i>0,32</i>	<i>4.928</i>	<i>0,32</i>	<i>5.495</i>	<i>0,36</i>	<i>45.284</i>	<i>2,96</i>
<i>Região Oeste</i>											
Butant�	318.421	4.937	1,55	1.480	0,46	1.085	0,34	2.839	0,89	10.341	3,25
Jaguara	51.075	1.428	2,80	216	0,42	247	0,48	127	0,25	2.018	3,95
Lapa	135.515	2.658	1,96	1.298	0,96	831	0,61	620	0,46	5.407	3,99
Perdizes	127.935	2.555	2,00	1.415	1,11	596	0,47	476	0,37	5.042	3,94
Pinheiros	47.129	781	1,66	332	0,70	154	0,33	682	1,45	1.949	4,14
Pirituba	112.773	1.212	1,07	546	0,48	318	0,28	174	0,15	2.250	2,00
V. Madalena	48.296	1.256	2,60	291	0,60	263	0,54	243	0,50	2.053	4,25
<i>Subtotal Oeste</i>	<i>841.144</i>	<i>14.827</i>	<i>1,76</i>	<i>5.578</i>	<i>0,66</i>	<i>3.494</i>	<i>0,42</i>	<i>5.161</i>	<i>0,61</i>	<i>29.060</i>	<i>3,45</i>
<i>Região Centro</i>											
Barra Funda	30.685	638	2,08	221	0,72	99	0,32	101	0,33	1.059	3,45
Bela Vista	79.367	1.056	1,33	854	1,08	356	0,45	965	1,22	3.231	4,07
Belenzinho	49.273	1.180	2,39	508	1,03	325	0,66	116	0,24	2.129	4,32
Bom Retiro	25.068	165	0,66	223	0,89	70	0,28	41	0,16	499	1,99
Br�s	48.589	669	1,38	430	0,88	558	1,15	267	0,55	1.924	3,96
C. C�sar	65.447	644	0,98	901	1,38	307	0,47	364	0,56	2.216	3,39
Consola�o	77.322	874	1,13	765	0,99	340	0,44	191	0,25	2.170	2,81
Liberdade	73.383	749	1,02	368	0,50	273	0,37	2.520	3,43	3.910	5,33
Mooca	38.175	480	1,26	532	1,39	393	1,03	77	0,20	1.482	3,88
Pari	27.748	1.019	3,67	323	1,16	200	0,72	36	0,13	1.578	5,69
S. Cec�lia	84.956	1.202	1,41	813	0,96	362	0,43	180	0,21	2.557	3,01
S. Efig�nia	42.551	644	1,51	192	0,45	162	0,38	177	0,42	1.175	2,76
S�	8.207	138	1,68	48	0,58	57	0,69	151	1,84	394	4,80
<i>Subtotal Centro</i>	<i>650.771</i>	<i>9.458</i>	<i>1,45</i>	<i>6.178</i>	<i>0,95</i>	<i>3.502</i>	<i>0,54</i>	<i>5.186</i>	<i>0,80</i>	<i>24.324</i>	<i>3,74</i>
<i>Região Sul</i>											
Capela Socorro	452.051	2.706	0,60	570	0,13	654	0,14	1.057	0,23	4.987	1,10
Ibirapuera	158.415	3.729	2,35	1.427	0,90	1.029	0,65	927	0,59	7.112	4,49
Indian�polis	82.658	1.756	2,12	890	1,08	540	0,65	476	0,58	3.662	4,43
Jardim Am�rica	55.291	667	1,21	438	0,79	190	0,34	255	0,46	1.550	2,80
Jardim Paulista	116.450	1.993	1,71	1.375	1,18	739	0,63	796	0,68	4.903	4,21
S. Amaro	705.743	6.418	0,91	1.869	0,26	1.826	0,26	2.272	0,32	12.385	1,75
<i>Subtotal Sul</i>	<i>1.570.598</i>	<i>17.269</i>	<i>1,10</i>	<i>6.569</i>	<i>0,42</i>	<i>4.978</i>	<i>0,32</i>	<i>5.783</i>	<i>0,37</i>	<i>34.599</i>	<i>2,20</i>
<i>Região Sudeste</i>											
Aclima�o	55.384	687	1,24	457	0,83	300	0,54	1.571	2,84	3.015	5,44
Cambuci	53.590	620	1,16	671	1,25	396	0,74	440	0,82	2.127	3,97
Ipiranga	179.353	2.142	1,19	1.365	0,76	1.825	1,02	1.161	0,65	6.493	3,62
Jabaquara	266.408	4.150	1,56	765	0,29	840	0,32	2.476	0,93	8.231	3,09
Saude	289.027	5.192	1,80	2.012	0,70	1.681	0,58	3.835	1,33	12.720	4,40
Vila Mariana	108.282	1.396	1,29	939	0,87	516	0,48	1.482	1,37	4.333	4,00
Vila Prudente	496.537	4.432	0,89	2.421	0,49	2.129	0,43	1.958	0,39	10.940	2,20
<i>Subtotal Sudeste</i>	<i>1.448.481</i>	<i>18.619</i>	<i>1,29</i>	<i>8.630</i>	<i>0,60</i>	<i>7.687</i>	<i>0,53</i>	<i>12.923</i>	<i>0,89</i>	<i>47.859</i>	<i>3,30</i>
<i>Região Leste</i>											
Alto da Mooca	136.433	3.758	2,75	1.469	1,08	1.443	1,06	448	0,33	7.118	5,22
Canga�ba	75.244	849	1,13	251	0,33	278	0,37	265	0,35	1.643	2,18
Penha de Fran�a	142.656	2.505	1,76	1.087	0,76	850	0,60	604	0,42	5.046	3,54
Tatuap�	279.757	7.544	2,70	1.913	0,68	1.660	0,59	2.901	1,04	14.018	5,01
Vila Formosa	119.704	2.007	1,68	535	0,45	560	0,47	337	0,28	3.439	2,87
Vila Matilde	239.739	2.276	0,95	651	0,27	764	0,32	1.417	0,59	5.108	2,13
<i>Subtotal Leste</i>	<i>993.533</i>	<i>18.939</i>	<i>1,91</i>	<i>5.906</i>	<i>0,59</i>	<i>5.555</i>	<i>0,56</i>	<i>5.972</i>	<i>0,60</i>	<i>36.372</i>	<i>3,66</i>
<i>Subtotal – Extremos (Norte, Sul, Leste)</i>	<i>1.458.041</i>	<i>6.164</i>	<i>0,42</i>	<i>1.126</i>	<i>0,08</i>	<i>1.558</i>	<i>0,11</i>	<i>3.583</i>	<i>0,25</i>	<i>12.431</i>	<i>0,85</i>
<i>Total Geral</i>	<i>8.493.226</i>	<i>115.199</i>	<i>1,36</i>	<i>38.925</i>	<i>0,46</i>	<i>31.702</i>	<i>0,37</i>	<i>44.103</i>	<i>0,52</i>	<i>229.929</i>	<i>2,71</i>

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 1980.

A Tabela 3 traz um panorama territorializado da cidade, por nacionalidade, distrito, subdistrito e região, oferecendo uma dimensão espacial acerca de concentração, distribuição e espacialização dos estrangeiros residentes no município em 1980. Esse panorama subsidiou a pesquisa na identificação das marcas impressas no espaço urbano pelos grupos de imigrantes, oferecendo, ainda, uma preliminar e descritiva territorialização. As porcentagens são relativas à população de cada subdistrito.¹⁷

A localização no espaço urbano deve ser entendida como resultante de vários fatores; é preciso caracterizar esses pedaços da cidade, por certo, na sua configuração física, topográfica, tipo de habitação predominante, de oportunidades de emprego/trabalho (indústria, comércio, serviços), sua distância maior ou menor do centro, condições de acessibilidade, presença de infra-estrutura, ou seja, todas as condições que explicam o valor imobiliário de seu estoque construído ou mesmo o preço da terra; mas a história de sua ocupação é decisiva. Grupos de estrangeiros podem estar localizados diferencialmente por vários motivos: desde a aquisição organizada de lotes de uma mesma gleba ou pela presença de pólo de atração de mão-de-obra, ou mesmo a história de sua chegada à cidade, ao apoio de amigos, parentes ou conterrâneos. A proximidade de clubes, igrejas tem contribuído parcialmente para tais localizações.

Nesse sentido, a caracterização urbana de cada região torna-se fundamental nessa territorialização. O nível socioeconômico desses imigrantes é fator determinante, pois o acesso à moradia é mediatizado pela renda e grupos de estrangeiros bem-sucedidos economicamente irão procurar porções privilegiadas para morar, bairros residenciais, exclusivos, de classes médias. Aos mais pobres, resta a habitação precária, com economia de transporte, procurando estar próximos aos locais de trabalho, mesmo que em porções deterioradas.

Assim, regiões centrais, nos últimos vinte anos, congestionadas pelo comércio e serviços, inclusive de ambulantes, convivem com imigrantes pobres (na sua maioria, são migrantes nacionais), mas já com presença significativa de contingentes formados por novas nacionalidades como alguns asiáticos e latino-americanos, processo típico dos anos 90. No início do século, era assim com italianos, espanhóis e portugueses.

Bairros do chamado anel intermediário da cidade, populares, mantêm comércio local disseminado, como é o caso do ramo de padarias, restaurantes, supermercados (ramo a que se dedicam os portugueses, via de regra).

Essas são algumas diretrizes analíticas que deverão ser exploradas futuramente.

Os mapas para identificar, em termos relativos, a distribuição de imigrantes no município de São Paulo, obedeceram a alguns critérios, utilizando-se a base cartográfica oferecida pela Secretaria Municipal de Planejamento: a espacialização das nacionalidades teve como base a organização dos dados da frequência relativa de cada nacionalidade no total do município, usada como parâmetro para definir frequências superiores

ou inferiores. O limite entre as duas faixas foi estabelecido, para cada nacionalidade, em fun o de um valor intermediário entre a maior freq ncia relativa alcançada e o  ndice do município.¹⁸

Com rela o   concentra o do Grupo I por região e em números absolutos, a Tabela 3 revela que a região sudeste reuniu o maior contingente de imigrantes desse grupo, contabilizando 47,8 mil estrangeiros no conjunto da popula o total do município, dos quais 18,6 mil são portugueses, 8,6 mil são italianos, 7,6 mil são espanhóis e 12,9 mil são japoneses. Com a segunda maior concentra o absoluta de estrangeiros do Grupo I, vem a região norte com 45,2 mil pessoas, dentre as quais os portugueses são mais expressivos.

O Grupo I, no entanto,   representativo, em termos absolutos, em regiões como a norte e a sudeste, com 1,5 milhão e 1,4 milhão de habitantes, respectivamente. O mesmo ocorre com a região sul da cidade, quarta em números absolutos em rela o ao Grupo I, com um contingente populacional de 1,5 milhão de pessoas, apresentando significativa presença absoluta de estrangeiros em seus subdistritos.

Já os dados relativos por região aparecem expressivos no total da região central da cidade, com cerca de 3,74% da popula o central constituída por imigrantes do Grupo I e, na região leste, com 3,66% de estrangeiros desse grupo. Em termos absolutos, também podemos enfatizar a expressiva presença de imigrantes do Grupo I na região central, em 1980, perfazendo 24,3 mil habitantes.

Segundo a Tabela 3, a maior presença estrangeira está na região sudeste, especialmente no subdistrito da Saúde, com expressiva presença de portugueses, depois japoneses e italianos. Na Vila Prudente, os portugueses sobressaem. A segunda maior concentra o de estrangeiros está na zona norte, dentre os quais os portugueses são nitidamente predominantes, seguidos por japoneses, italianos e espanhóis. Com uma popula o de 1,5 milhão de habitantes, a região norte apresenta cerca de 45 mil estrangeiros. Destaca-se o subdistrito do Tucuruvi, cuja popula o de portugueses chega a quase 10 mil habitantes e há cerca de 15 mil habitantes.

Quanto   freq ncia relativa aos portugueses, sua maior presença na cidade   evidente, mas, com destaque,   apontada nos distritos de Vila Guilherme e Vila Maria. No conjunto do município, os portugueses destacam-se na região central, em especial Pari e Belenzinho, com 3,67% e 2,39%, respectivamente; depois na região oeste, Jaguar  (2,75%) e Vila Madalena (2,60%); Alto da Mooca (2,75%) e Tatuapé (2,70%), ambos na região leste. Conclui-se que o grupo majoritário de estrangeiros   o de portugueses, que se distribuem pelo município, de maneira geral, embora haja concentra o na região norte, conforme Mapa 1.

Quanto aos italianos, os dados relativos da Tabela 3 destacam os subdistritos que expressam sua significativa presença: Mooca (1,39%), Cerqueira César (1,38%) e Pari

(1,16%), localizados na região central; Cambuci (1,25%), Jardim Paulista (1,18%) e Perdizes (1,11%), regiões sudeste, sul e oeste, respectivamente. Os distritos de Mooca e Pari já eram ocupados por imigrantes ao longo do século.

O bairro do Brás, antigo território italiano, representou, em 1980, apenas 0,88% da população italiana residente na região central, muito embora ela seja, em números absolutos, relevante nessa região, perfazendo 6,17 mil pessoas, o que corresponde a 25,39% dos estrangeiros residentes na região central. Em números absolutos, os italianos são representativos na região sudeste da cidade, em especial nos subdistritos de Vila Prudente e Saúde, com 2 mil e 2,4 mil residentes. Se fosse computada a presença de descendentes de italianos, é evidente que os mapas de distribuição seriam diferentes, uma vez que muitos paulistanos descendem desse grupo de estrangeiros.

Quanto aos espanhóis, em índices relativos, encontram-se em contingente representativo na região central, sobretudo nos subdistritos do Brás, com 1,15%, e Mooca, com 1,03%. Destacam-se, também, na região leste, com Alto da Mooca (1,06%) e na região sudeste, com Ipiranga (1,02%). A região sudeste se destaca, ainda, em números absolutos, quanto à presença de espanhóis, particularmente o subdistrito de Vila Prudente com 2,1 mil espanhóis.

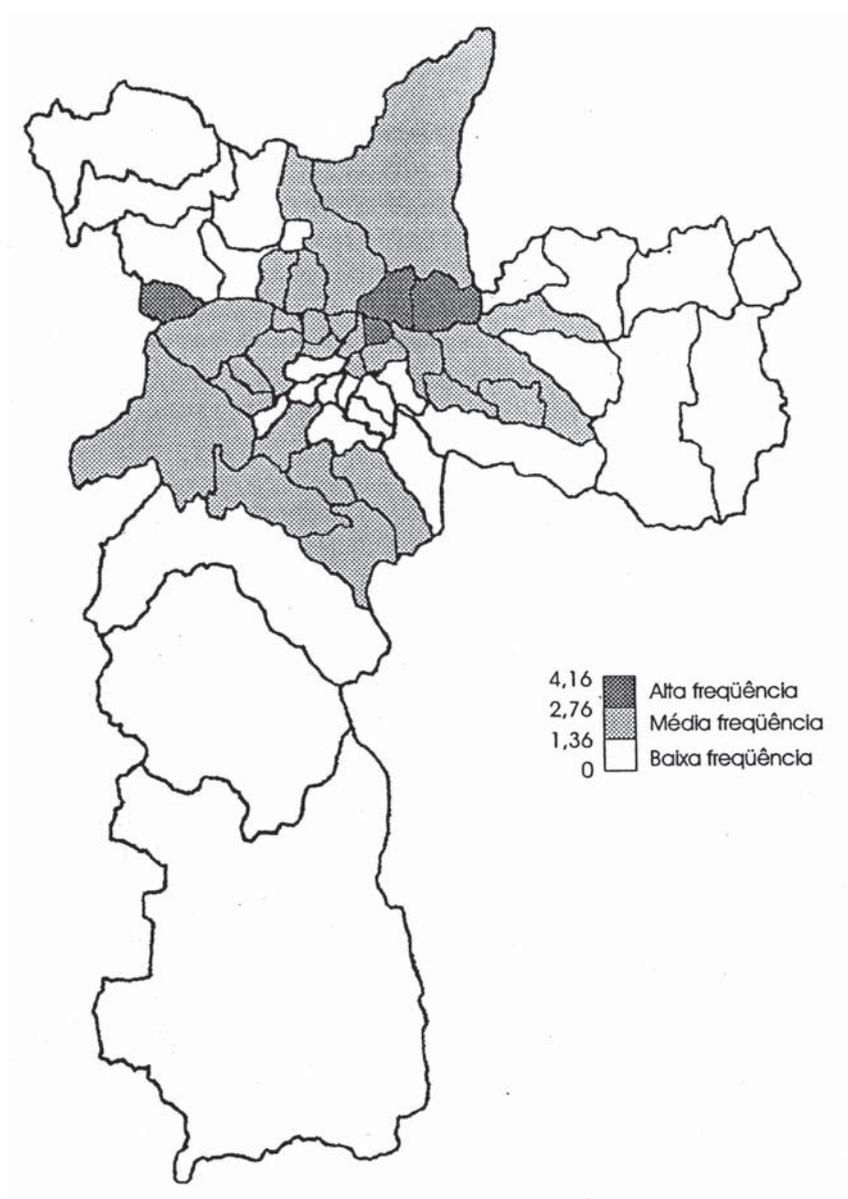
Os Mapas 2 a 4 expressam a presença de italianos e espanhóis no conjunto do município de São Paulo.

Quanto aos japoneses, os dados relativos indicam que eles têm expressiva presença na área central da cidade, sendo representativos nos subdistritos da Liberdade, Sé e Bela Vista, com 3,43%, 1,84% e 1,22% da população da região, respectivamente. Já na área sudeste, particularmente Aclimação, Vila Mariana e Saúde são subdistritos que, juntos, concentram 5,54% dos japoneses residentes nessa região, enquanto os bairros de Pinheiros, região oeste, com 1,45% e Casa Verde, região norte, com 1,74%, completam o conjunto de subdistritos com expressiva presença de imigrantes japoneses no município.

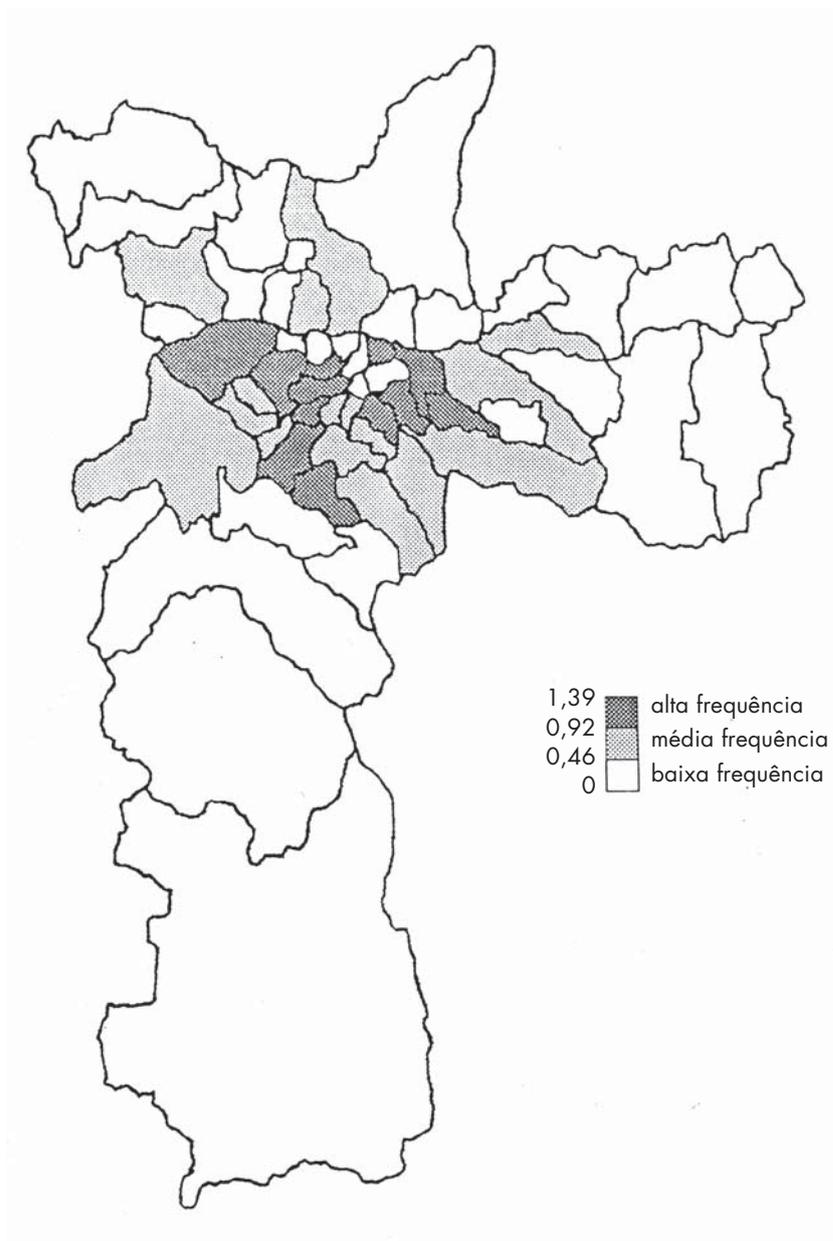
Em números absolutos, além da expressiva presença na região sudeste, com destaque para os subdistritos de Jabaquara e Saúde (2,4 mil e 3,8 mil japoneses, respectivamente), os imigrantes japoneses aparecem representativos na região oeste, Butantã, com 2,8 mil pessoas e, em especial, na região leste, Tatuapé, com quase 3 mil pessoas.

Quanto à espacialização dos japoneses, o Mapa 4 demonstra a concentração desses imigrantes nos bairros da Liberdade, Aclimação e Sé.

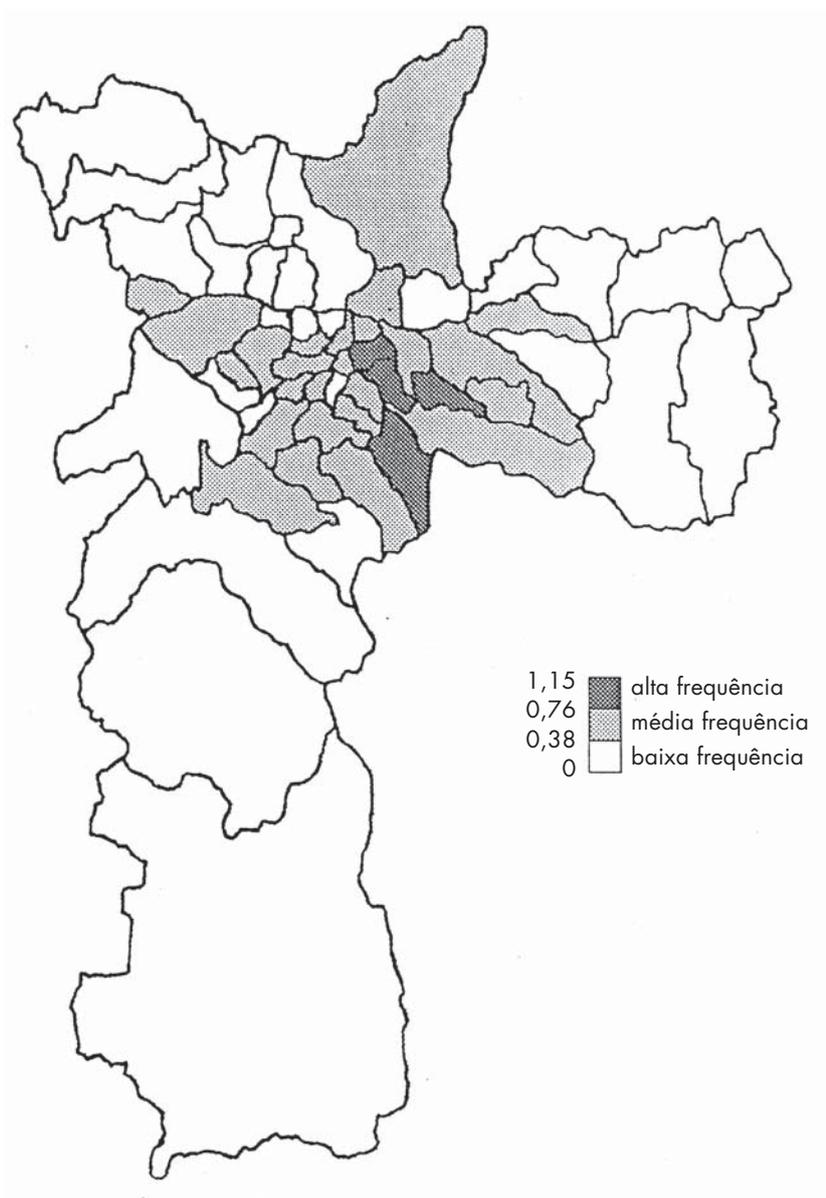
Mapa 1 – Participa o de portugueses no total da popula o dos subdistritos do município de São Paulo – 1980



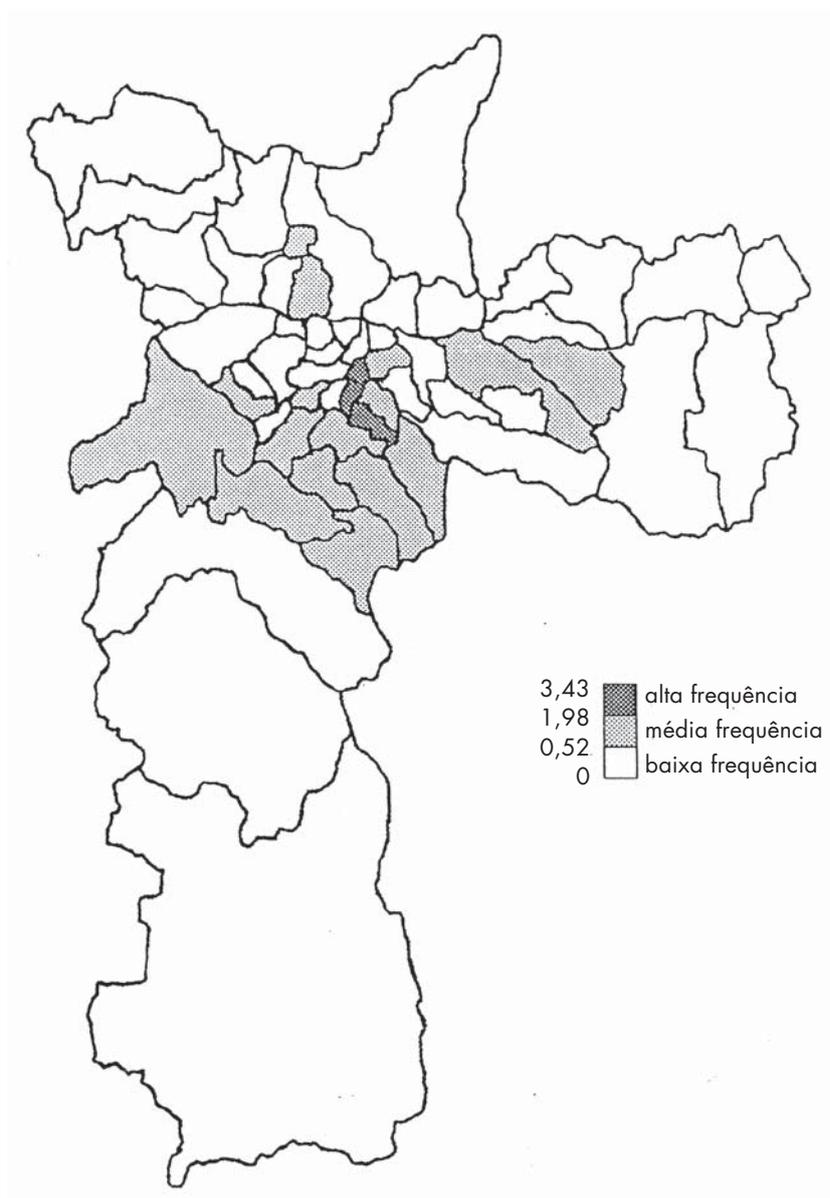
Mapa 2 – Participação de italianos no total da população dos subdistritos do município de São Paulo – 1980



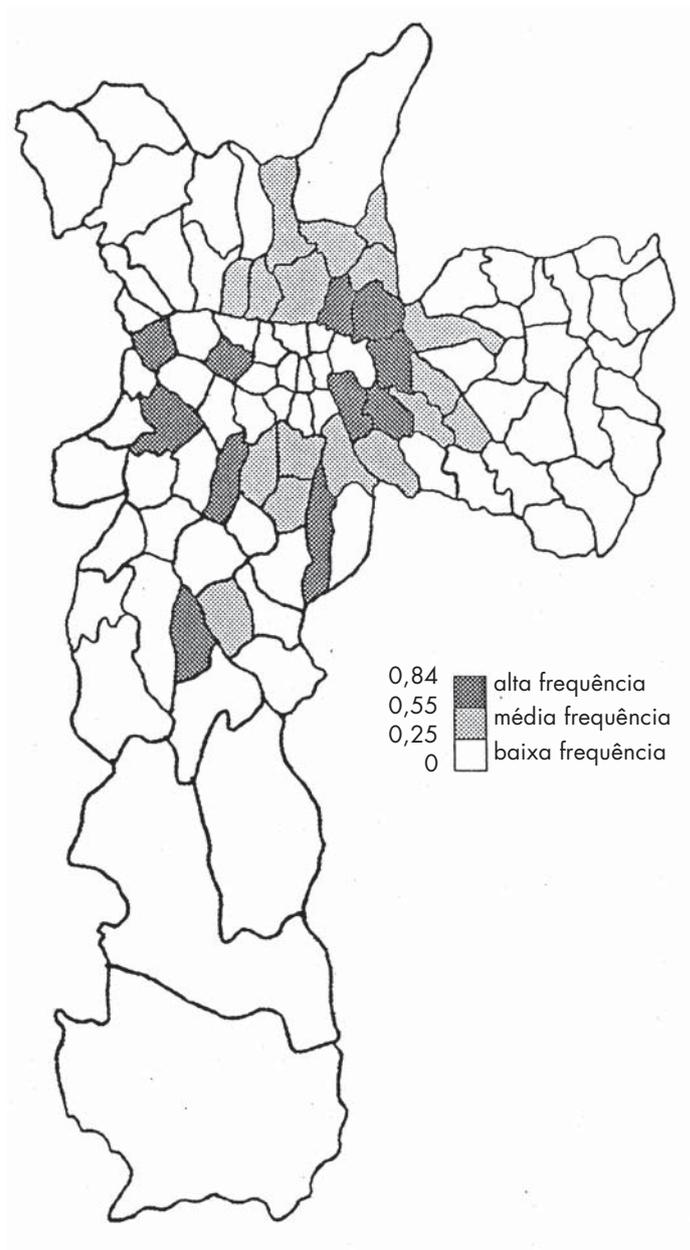
Mapa 3 – Participação de espanhóis no total da população dos subdistritos do município de São Paulo - 1980



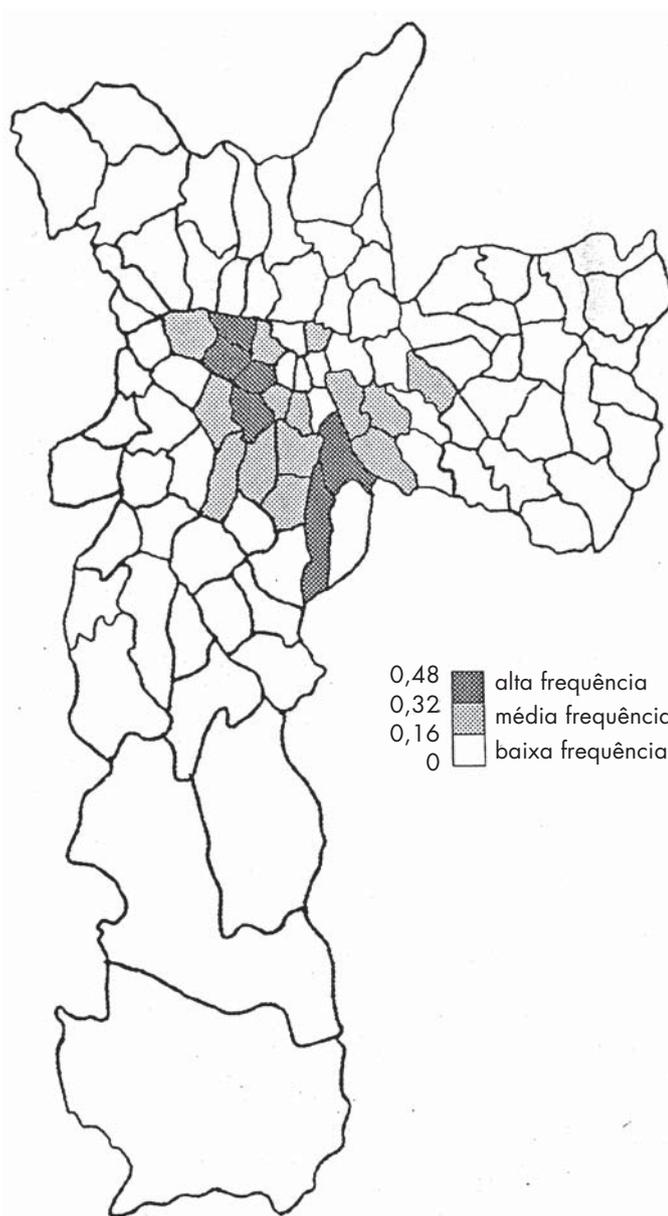
Mapa 4 – Participação de japoneses no total da população dos subdistritos do município de São Paulo - 1980



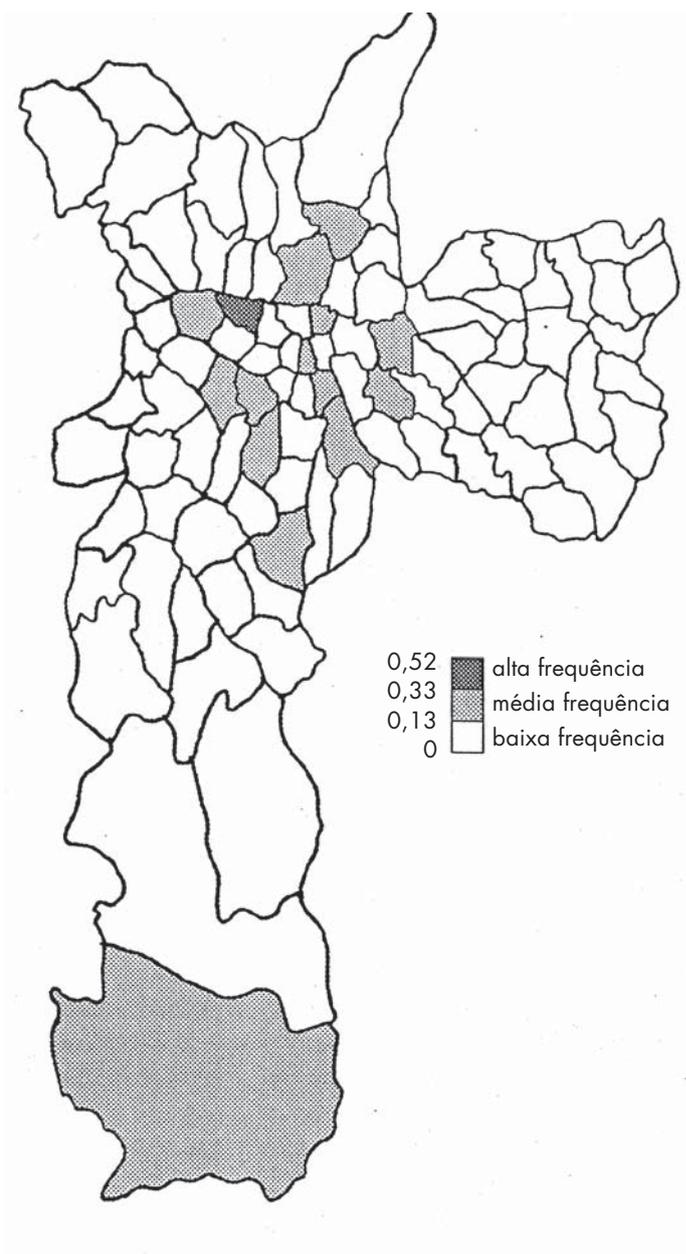
Mapa 5 – Participa o de portugueses no total da popula o dos distritos do município de São Paulo - 1991



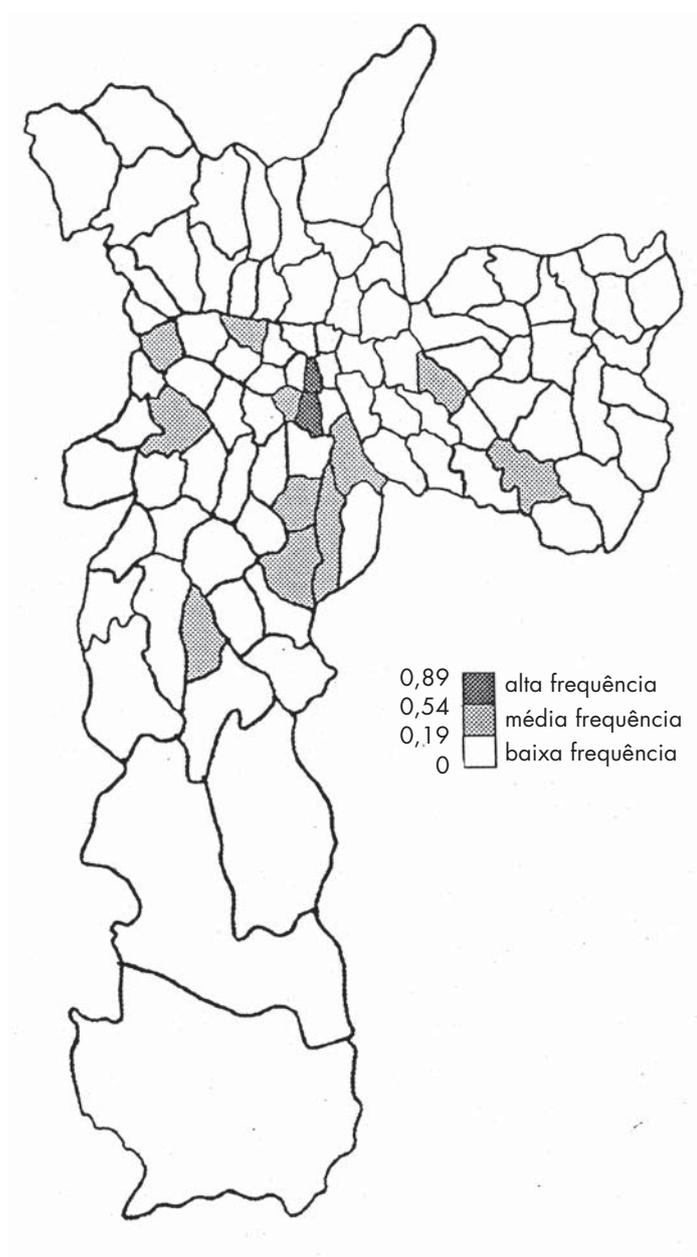
Mapa 6 – Participação de italianos no total da população dos distritos do município de São Paulo - 1991



Mapa 7 – Participação de espanhóis no total da população dos distritos do município de São Paulo - 1991



Mapa 8 – Participação de japoneses no total da população dos distritos do município de São Paulo - 1991



Censo de 1991

Para a configura o de território e espacializa o dos imigrantes, houve dificuldades com os dados de 1991. O IBGE não disponibilizou os dados relativos   presença de estrangeiros na capital de forma regionalizada por distritos/subdistritos. Estamos apresentando, pois, algumas tabelas que podem acrescentar alguma caracteriza o e apontar tendências quanto   freq ncia de imigrantes em São Paulo, tendo em vista montar um panorama para os últimos 25 anos.

Os números absolutos e os percentuais relativos aos estrangeiros residentes em São Paulo, em ordem descendente, repetindo a característica observada no Censo anterior (1980), revelam que o grupo imigrado de maior presença   o de portugueses (34,07% dos estrangeiros), seguido dos japoneses (12,0%), italianos (11%) e espanhóis (8%). Tais contingentes compõem o chamado Grupo I, que em 1980 representava o peso de 70,62% dos imigrantes e que, em 1991, diminui para 151.284 pessoas, quase 65,9% dos estrangeiros. O Grupo I permanece ainda aquele de caráter majoritário entre os estrangeiros, mas perde peso em números absolutos e relativos.

A altera o mais sensível diz respeito ao grupo estrangeiro seguinte, em ordem descendente de grandeza. Em 1980, os alemães representavam 3,04% dos estrangeiros (mais ocidentais que orientais), seguidos dos russos, libaneses, romenos, poloneses, norte-americanos, s rios. Compunham o Grupo II e representavam cerca de 10% dos estrangeiros.

Depois de 11 anos, a distribui o se alterou: passam a integrar o Grupo II (o segundo em freq ncias mais expressivas) os coreanos (3,10%) e chineses (1,86%), latino-americanos (Chile – 3,00% e Bolívia – 1,94%) e permanecem ainda alguns oriundos de países da Europa (alemães agora representam 2,78%), russos (1,84%), poloneses, romenos. Os norte-americanos (EUA – 1,25%) representam agora 1,4% e surgem também os iugoslavos (1,04%), egípcios (1,04%) como dignos de nota.

Para facilitar a compara o com os dados de 1980, agruparam-se parcialmente as nacionalidades presentes em 1991, do mesmo modo que em 1980 (ver Tabela 4).

Como se vê, a categoria outros fica super-representada se quisermos obedecer ao mesmo formato da Tabela 2, de 1980.

A nova distribui o (1991), mais adequada para captar as tendências recentes do panorama internacional, deveria estar organizada da seguinte maneira, colocando em ordem decrescente:

A novidade na tabela   o aumento da presença de algumas nacionalidades, como a dos coreanos e chineses, o que corresponde a uma das características apontadas por alguns autores quanto   expressiva afluência de asiáticos nas chamadas metrópoles mundiais: Londres, Nova York e outras. Outro destaque diz respeito ao aumento dos latino-

Tabela 4 – Distribuição dos estrangeiros residentes no município de São Paulo por nacionalidade

Grupo	Nacionalidade	Nº absoluto	%
I	portugueses	79.611	34,1
	japoneses	27.941	12,0
	italianos	25.112	10,7
	espanhóis	18.620	8,0
	<i>subtotal</i>	<i>151.284</i>	<i>64,8</i>
II	alemães	6.494	2,8
	russos	4.308	1,8
	sírios	1.865	0,8
	libaneses	5.457	2,3
	romenos	3.029	1,3
	poloneses	3.704	1,6
	norte-americanos (USA e Canadá)	3.157	1,4
<i>subtotal</i>	<i>28.014</i>	<i>12,0</i>	
III	argentinos	s/inf.	s/inf.
	bolivianos	4.525	1,9
	uruguayos	2.309	1,0
	paraguaios	1.435	0,6
	<i>subtotal</i>	<i>8.269</i>	<i>3,5</i>
	outros	44.183	18,9
	sem declaração	1.893	0,8
	<i>Total</i>	<i>233.643</i>	<i>100,0</i>

Fonte: FIBGE – 1991.

americanos em São Paulo (de 4,7%, em 1980, para 7,8%, em 1991). Além disso, diminuíram os argentinos, enquanto surgiram chilenos e bolivianos com frequência significativa. Nesse sentido, é válido apresentar a lista das nacionalidades em ordem decrescente para ilustrar de maneira geral as tendências encontradas.

Pretende-se ainda oferecer mais alguns elementos para a compreensão mais cuidadosa da situação dos imigrantes na cidade de São Paulo. Com esse intento separou-se a distribuição dos estrangeiros com menos de 10 anos de residência na cidade por país de nascimento. Seria possível, assim, sugerir quais são as nacionalidades dos imigrantes mais recentes.

A partir dos anos 80, o que se observa é que aumentou significativamente a entrada dos latino-americanos, especialmente chilenos, bolivianos e peruanos. Isso ocorreu também com contingentes provenientes da Ásia: coreanos e chineses.

Ao contrário, os quatro grandes grupos de longo tempo de permanência enquanto fluxo migratório (Grupo I) apresentaram pouca imigração de entrada recente. Constituiu-se, pois, de contingente de maior tempo de vida na cidade; apenas o de japoneses, que continuam a apresentar algumas entradas recentes.

Tabela 5 – Distribui o dos grupos de estrangeiros residentes em São Paulo

Grupo	Nacionalidade	N� absoluto	%
I	portugueses	79.611	34,1
	japoneses	27.941	12,0
	italianos	25.112	10,7
	espanhóis	18.620	8,0
	<i>subtotal</i>	<i>151.284</i>	<i>64,8</i>
II	s�rio-libaneses	7.322	3,1
	alemães	6.494	2,8
	russos	4.308	1,8
	poloneses	3.704	1,6
	norte-americanos (USA e Canadá)	3.157	1,4
	romenos	3.029	1,3
	iugoslavos	2.437	1,0
	israelitas	1.237	0,5
	h�ngaros	2.305	1,0
	eg�pcios	2.440	1,0
	<i>sub-total</i>	<i>36.433</i>	<i>15,6</i>
III	chilenos	7.020	3,0
	bolivianos	4.525	1,9
	uruguaio	2.309	1,0
	paraguaios	1.435	0,6
	peruanos	1.104	0,5
	outros latino-americanos	1.839	0,8
	<i>subtotal</i>	<i>18.232</i>	<i>7,8</i>
IV	chineses (continente)	4.355	1,9
	chineses (Formosa)	1.431	0,6
	coreanos	7.242	3,1
	outros países asiáticos	1.665	0,7
	<i>subtotal</i>	<i>14.693</i>	<i>6,3</i>
V	países africanos	2.279	1,0
	outros países sem declara�o	9.030	3,9
		1.692	0,7
	<i>Total</i>	<i>233.643</i>	<i>100,0</i>

Fonte: FIBGE – 1991.

Outro destaque   para os norte-americanos, especialmente aqueles que vêm dos Estados Unidos.

Questões políticas e econ micas dos países e a face avançada da etapa atual do capitalismo internacional são alguns fatores que podem explicar melhor essas características, e   o que preten emos na etapa conclusiva desta investiga o. Tarefa importante, na seq ncia,   a localiza o desses contingentes na cidade, o que constitui o nosso desafio da territorializa o relacionada   questão da cidadania.

Tabela 6 – Distribuição dos estrangeiros com menos de 10 anos de residência em São Paulo – por país de nascimento e em relação ao total de nacionalidade

Grupo	Nacionalidade	Nº absoluto (A)	Total nacionalidade (B)	% de A/B	% sobre o total de estrangeiros com menos de 10 anos em SP
I	portugueses	1.117	79.611	1,4	6,0
	japoneses	909	27.941	3,3	4,9
	italianos	331	25.112	1,3	1,8
	espanhóis	226	18.620	1,2	1,2
	<i>subtotal</i>	<i>2.583</i>	<i>151.284</i>	<i>1,7</i>	<i>13,9</i>
II	sírio-libaneses	366	7.322	5,0	2,0
	alemães	468	6.494	7,2	2,5
	russos	30	4.308	0,7	0,2
	poloneses	26	3.704	0,7	0,1
	norte-americanos (USA e Canadá)	1.145	3.157	36,3	6,2
	romenos	6	3.029	0,2	0,0
	iugoslavos	7	2.437	0,3	0,0
	israelitas	153	1.237	12,4	0,8
	húngaros	13	2.305	0,6	0,1
	egípcios	40	2.440	1,6	0,2
	<i>sub-total</i>	<i>2.254</i>	<i>36.433</i>	<i>6,2</i>	<i>12,1</i>
III	chilenos	2.051	7.020	29,2	11,0
	bolivianos	1.885	4.525	41,7	10,1
	uruguaios	538	2.309	23,3	2,9
	paraguaios	304	1.435	21,2	1,6
	peruanos	468	1.104	42,4	2,5
	outros latino-americanos	223	1.839	12,1	1,2
<i>subtotal</i>	<i>5.469</i>	<i>18.232</i>	<i>30,0</i>	<i>29,4</i>	
IV	chineses (continente)	891	4.355	20,5	4,8
	chineses (Formosa)	433	1.431	30,3	2,3
	coreanos	3.052	7.242	42,1	16,4
	outros países asiáticos	138	1.665	8,3	0,7
<i>subtotal</i>	<i>4.514</i>	<i>14.693</i>	<i>30,7</i>	<i>24,3</i>	
V	países africanos	421	2.279	18,5	2,3
	outros países sem declaração	3.041	9.030	33,7	16,3
		325	1.692	19,2	1,7
	<i>Total</i>	<i>18.607</i>	<i>233.643</i>	<i>8,0</i>	<i>100,0</i>

Fonte: FIBGE – 1991.

NOTAS

1. Auxílio integrado CNPq, com início em fevereiro de 1997, contando com os seguintes bolsistas: de aperfei amento, Marcelo Jesus Phintener; e de inicia o científica, Adilson Virno e Mário da Fonseca, que participaram da prepara o de dados e elabora o de relatórios. Seleccionamos, aqui, apenas os quatro grandes grupos de estrangeiros – portugueses, italianos, espanhóis e japoneses – considerados os maiores contingentes presentes em São Paulo, pelo Censo de 1980. O trabalho da pesquisa contemplou outras nacionalidades, embora com menores frequências, também expressivas na influência na vida da cidade.
2. Nesse sentido, para configurar os mais expressivos movimentos imigratórios de massa desde meados do século XIX até os dias de hoje, foi necessário acompanhar a história urbana, a saber, a trajetória de estrangeiros, principalmente italianos, portugueses, espanhóis e japoneses.
3. Coletivo NTC. Pensar Pulsar – cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo, Edi oes NTC, 1993, pp. 148, 149, 152. Ver também Maura V ras. A Nov(a)(c)idade do gelo: notas perplexas sobre os novos nômades urbanos. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo, Funda o Seade, 1995, v. 9, n. 2, e Maura V ras. Novos olhares sobre São Paulo: notas introdutórias sobre territórios, espaços e sujeitos da cidade mundial. Revista Margem. Fac. C. Sociais/PUC-SP, Educ, Fapesp, n. 6, dez/1997.
4. Coletivo NTC – op. cit., p. 153.
5. Ibidem, p. 156.
6. Ibidem, pp. 7-9. O autor contrasta memória e história, esta última caracterizada como laica, abstrata, universal, como reconstru o intelectual da vida que não existe mais; ela demanda análise e discurso crítico que seja liberto do sagrado, por isso, prosaica. Pertence a todos e a ninguém, está ligada às continuidades temporais, às evolu oes, às rela oes entre as coisas, pois que, só conhece o relativo.
7. Apostam na diminui o dos setores médios, surgindo a Polariza o Social.
8. As reflexões deste t pico devem muito a José Marinho Nery Jr., quando da elabora o, em parceria com esta autora, do texto História da imigra o para São Paulo. Sempla/SP, 1994. Ver, principalmente, Boris Fausto. Historiografia da imigra o para São Paulo. São Paulo: Ed. Sumaré, 1991.
9. Os dados populacionais utilizados baseiam-se nos Censos Demográficos – FIBGE.
10. Holloway (1984). “Os colonos eram politicamente destituídos de poder, socialmente inferiores e economicamente fracos em rela o   classe dos fazendeiros, mas não eram escravos assalariados que substituíam a escravidão negra dos primeiros tempos”.
11. O Plano de Abastecimento de água para São Paulo, coordenador por Whitaker, em 1946, faz proje o para o crescimento populacional da cidade, através da “curva logística” e aponta para 1975, aproximadamente 4 milhões de habitantes, ou seja, muito aquém dos quase 8 milhões existentes naquele mesmo ano.
12. Este item se baseia em V ras (1994).
13. A bibliografia sobre a imigra o portuguesa   menos extensa do que a de outras nacionalidades.
14. Decreto n  70.391 de 12 de abril de 1972. Nos últimos anos, com a entrada de Portugal na Comunidade Econ mica Européia, a imprensa tem noticiado alguns incidentes na entrada de brasileiros naquele país.

15. Sakurai (1991) utiliza romances de mulheres japonesas para resgatar a memória dessa imigração no Brasil. Tais romances reafirmam a importância tradicional do país de origem, falam da dificuldade de adaptação do imigrante, dos sonhos e das decepções sofridas no início e retratam isso a partir da família nuclear, em que a mulher (mãe) possui uma função social de extrema importância. Um dos preceitos dessa tradicional cultura coloca o homem ante o que a autora chama de "necessidade de vencer". Isso faz dele um trabalhador incansável e mantenedor econômico do lar, que é visto como sagrado, talvez um último refúgio.

Bibliografia

- ANTONACCI, Antonieta e MACIEL, Laura (1997). Revisitando a imigração; cultura, cotidiano e experiências de espanhóis em São Paulo (1890-1930). *Margem*. FCSO/Fapesp, n. 6, dez., Educ.
- ALVIM, Zuleika M.F. (1986). *Brava gente! Os italianos em São Paulo – 1870-1920*. São Paulo, Brasiliense.
- AUGÉ, Marc (1991). *Os não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Ed. Papirus.
- ARTIGAS, R. C. e BAYEUX, G. (1980). Brás: espaço e uso. São Paulo. PMSP-SMC-IDART, Cadernos 2.
- ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS DO BRASIL (1958). *A cidade de São Paulo, estudo de Geografia Urbana*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, vol 4.
- AZEVEDO, Aroldo (1957). Vilas e cidades do Brasil Colonial. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, vol. XI.
- BASSANEZI, Maria Sílvia (1995). "Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico". In: PATARRA, Neide (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo, FNUAP.
- BEIGUELMAN, Paula (1981). *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo, Ed. Global.
- BETTENCOURT, José de Souza (1961). *O fenômeno da emigração portuguesa*. Luanda, Instituto de Investigação Científica de Angola.
- BIANCO, B. F. (1992). Saudade, imigração e a constituição de uma Nação (portuguesa) Desterritorializada. *Revista Brasileira de Estudos de População – ABEP*, n. 11, v. 9.
- BLAY, Eva (1985). *Eu não tenho onde morar – vilas operárias da cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel.
- BÓGUS, Lucia M. Machado (1992). *A luta pela cidade de São Paulo*. São Paulo, Cortez.
- BONDUKI, Nabil (1982). Origens do problema da habitação popular em São Paulo. *Revista Espaço e Debates*: São Paulo, Ed. Cortez, ano 2, n. 5, maio/junho.
- BONI, L. A. de (org.) (1990). *A presença italiana no Brasil*. v. 2, Porto Alegre, Fondazione Giovanni Agnelli.

- BRITO, l da Marques (1986). *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo, FFL-USP.
- BUARQUE, Cristovam (1993). *O que   aparta o*. São Paulo, Brasiliense.
- CARELLI, Mario (1985). *Carcamanos e comendadores: os italianos em São Paulo, da realidade   fic o*. São Paulo,  tica.
- CASTELLS, Manuel e MOLLENKOPF, J. (1991). *Dual City*. New York, The Russel Foundation.
- CEDEC - Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (1996). *São Paulo: mapa de riscos da violência na cidade de São Paulo*. São Paulo, Educ.
- CENNI, Franco (1975). *Italianos no Brasil*. São Paulo, Martins e EDUSP.
- CENSOS DEMOGRÁFICOS – FIBGE.
- CENTRO SCALABRINIANO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS (1990). Emigrar, op o ou necessidade? Brasília, ano 1, n. 2, dez.
- _____ (1991). Leis e migra o. Brasília, ano 2, n. 5, set.
- CHNAIDERMAN, Miriam (1996). "Racismo, o estranhamento familiar - uma abordagem psicanalítica". In: SCHW ARCZ, M. e QUEIROZ, Renato da S. (orgs.) *Raça e diversidade*. São Paulo, Esta o Ciência, CNPq, Edusp.
- DE BONI, Luís. (org) (1990). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre, Fondazione Giovanni Agnelli, v. 2.
- DIAS, M. Odila da Silva (1984). *Quotidiano e poder em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense.
- ENGELS, F. (s/d). *A situa o da classe trabalhadora na Inglaterra*. Porto, Ed. Afrontamento.
- ESTEVES, Laura Leitão (1993). *Emigra o luso-brasileira*. Trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais, PUC-SP.
- FAUSTO, Boris (1979). *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo, Difel.
- FERNANDES, Florestan (1966). Imigra o e rela es raciais. *Revista Civiliza o Brasileira*, julho.
- FERREIRA, Vitor Matias (1992). Problematiza o e pedagogia do território. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*. Lisboa, Ed. ISCTE, n. 12.
- FUNDO DAS NA OES UNIDAS PARA A POPULA O – FNUAP (1993). O indivíduo e o mundo: popula o, migra o. Desenvolvimento na década de 1990. A situa o da popula o mundial, New York.
- GAITAI, Z lia (1980). *Anarquistas graças a Deus*. Rio de Janeiro, Record.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque (1956). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio.
- HOLLOWAY, Thomas (1984). *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- IANNI, Octavio (1994). *A cidade global*. Revista Cultura Vozes, v. 88, n. 2, março/abril.
- KLAIN, Herbert (1994). *A imigra o espanhola no Brasil*. São Paulo, Ed. Sumaré.
- KOLTAI, Caterina (org.) (1994). *O estrangeiro*. São Paulo, Escuta.
- KOWARICK, L cio; V RAS, Maura e ANT, Clara (1981). *O cortiço: sua história e atualidade*. São Paulo, Sempla, mimeo.
- KOWARICK, L cio (1988). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, UNRISD.

- _____ (1987). *Trabalho e vadiagem*. São Paulo, Brasiliense.
- LAPLANTINE, François (1993). "Cosmopolita e brasileira". In: OLIVENSTEIN e LAPLANTINE, François. *Um olhar francês sobre São Paulo*. São Paulo, Brasiliense.
- LEFÈBVRE, Henri (1974). *O pensamento marxista e a cidade*. Póvoa de Varzim, E. Ulissea.
- LEMOS, Carlos A. C. (1985). *Alvenaria burguesa*. São Paulo, Nobel.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1962). *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Ed. Luna.
- LOGAN, J.; ALBA, R. D. e MCNULTY, T. L. (1996). As minorias nas cidades globais: Nova York e Los Angeles. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, ano X, n. 2, pp. 39-56.
- MAFFESOLI, Michel (1987). *O tempo das tribos*. São Paulo, Forense.
- MARCUSE, Peter (1997). The ghetto of excelsior and the fortified enclave: new patterns in the United States. *American Behavioral Scientist*, v. 41, n. 3, nov-dez. Editora Sage Publications, pp. 311-326.
- _____ (1997). The enclave, the citadel and the ghetto. What has changed in the post-fordist U.S. City. *Urban Affairs Review*, v. 33, n. 2, nov., pp. 228-264.
- MARTIN, André Roberto (1984). *O bairro do Brás e a deterioração urbana*. Dissertação de mestrado, Depto. de Geografia da USP.
- MARTINS, José de Souza (1993). *A chegada do estranho*. São Paulo, Hucitec.
- MARTINS, José de S. (s/d). *A metamorfose do olhar em Janela Indiscreta de Alfred Hitchcock* (mimeo)
- MORSE, Richard (1970). *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difel
- MOSCOVICI, Serge (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- NORA, Pierre (1993). Entre memória, história, a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP.
- PATARRA, N. L. e BAENINGER, R. (1993). Migrações internacionais recentes – o caso do Brasil. *Taller sobre nuevas modalidades y tendencias de la migración frente a los procesos de integración regional*. Montevideo, Uruguay, out.
- PRADO JÚNIOR, Caio (1978). *História econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense.
- PINTO, M. Inez M. Borges (1984). *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre em São Paulo*. Tese de doutoramento, USP.
- PRETECEILLE, Ed. (1994). Cidades globais e segmentação social. In: RIBEIRO, Luiz César de Queiroz e SANTOS JR., Orlando Alves dos (orgs.). *Globalização, fragmentação e reforma urbana*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- REIS, F. Nestor G. (1968). *Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil*. São Paulo, Pioneira e Edusp.
- REALE, Ebe (1982). *Brás, Pinheiros, Jardins*. São Paulo, Edusp/Pioneira.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz (1996). *Rio de Janeiro: um exemplo de metrópole partida e sem rumo*. Rio de Janeiro, UFRJ/IPPUR.
- _____ e SANTOS JR., Orlando A. dos (orgs.) (1994). *Globalização, fragmentação e reforma urbana – o futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

- ROLNIK, Raquel (1988). Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. *Conference ISA RC Sociology of Urban*, Rio de Janeiro (mimeo).
- _____ (1988). São Paulo, início da industrializa o: o espaço e a política. In: KOWARICK, L cio (org). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- SAKURAI, Célia (1991). *Romaneiro da imigra o japonesa*. São Paulo, Ed. Sumaré.
- SALLES, Maria do Rosário (1996). *Médicos italianos em São Paulo – 1890-1930*. São Paulo, Ed. Sumaré.
- SALLES, T. (1992). Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anota es para pesquisa. *Revista Brasileira de Estudos de Popula o*. ABEP, v. 9, n. 1.
- _____ (1991). Novos fluxos migratórios da popula o brasileira. *Revista Brasileira de Estudos de Popula o*. Abep, v. 8, n. 2.
- SALMONI, Anita e DEBENEDETTI, Emma (1981). *Arquitetura italiana em São Paulo*. São Paulo, Perspectiva.
- SANTOS, Luiz Carlos da Silva (1993). *Casa Verde, território negro em São Paulo*. Projeto de pesquisa para disserta o de mestrado, São Paulo, PUC-SP.
- SANTOS, Milton (1987). *O espaço do cidadão*. São Paulo, Livraria Nobel.
- _____ (1979). *Espaço e sociedade*. Petrópolis. Vozes.
- SCHWARCZ, Lilian M e QUEIROZ, Renato da S. (orgs.) (1996). *Raça e diversidade*. São Paulo, Esta o Ciência, CNPq. Edusp.
- SINGER, Paul (1968). *Desenvolvimento econ mico e evolu o urbana*. São Paulo, Ed. Nacional.
- SPOSATI, Alda za (coord.) (1996). *Mapa da inclusão e exclusão social em São Paulo*. São Paulo, Educ.
- TELLES, Edward (1993). Racial segregation and urban crisis. Texto apresentado no Encontro *Globaliza o, fragmenta o e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras e a crise*. Itamonte, Minas Gerais (mimeo).
- TOLEDO, Benedito Lima de (1981). *São Paulo, três cidades em um século*. São Paulo, Duas Cidades.
- TORRES, M. Celestina T. M. (1969). *O bairro do Brás*. Secretaria da Cultura – Prefeitura do Município de São Paulo.
- TRENTO, Angelo (1988). *Do outro lado do Atlântico, um século de imigra o italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, Inst. Cultural  talo-Brasileiro.
- VILLAÇA, Flávio (1978). *A estrutura territorial da metrópole sul brasileira*. São Paulo, FFCL-USP. Depto de Geografia, 2. vol.
- V RAS, Maura P. B. (1987). Os impasses da crise habitacional em São Paulo ou os nômades urbanos no limiar do século XXI. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, Funda o Seade, n. 1.
- _____ (1991). *O bairro do Brás em São Paulo – um século de transforma es do espaço urbano ou diferentes versões da segrega o social*. Tese de doutoramento PUC-SP.
- _____ (1994). Territorialidade e segrega o sócio-espacial em São Paulo. Texto apresentado ao *III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

VÉRAS, Maura P. B. (1995). A nov(a) (c)idade do gelo: notas perplexas sobre os novos nômades urbanos. *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação Seade, v. 9, n. 2, abr/jun.

_____ (1997). Novos olhares sobre São Paulo: notas introdutórias sobre territórios, espaços e sujeitos da cidade mundial. *Revista Margem*. Faculdade de Ciências Sociais/Fapesp, São Paulo, v. 6, dez.

VIRILIO, Paul (1993). *O espaço crítico*. Rio de Janeiro, Ed. 34/Nova Fronteira.

WACQUANT, Loïc (1995). Proscritos da cidade, estigma e divisão social no gueto americano e na periferia urbana francesa. *Revista Novos Estudos*. São Paulo, Ed. Cebrap, n. 43, nov., pp. 64-83.

_____ (1994). Dé-civilisation et diabolisation: la mutation du ghetto noir américain. In: FAURÉ, Christine e BISHOP, Tom (orgs.). *L'Amérique des français*. Paris, Brançois Burin, pp. 103-125.

WEBER, Max (1946). *Economia y sociedad*. México, Fondo de Cultura Económica.

_____ (1973). *Ciência como vocação*. São Paulo, Cultrix.